

# ERA NOVA

REVISTA  
QUINZENAL  
ILLUSTRADA

ANNO I

\* \* \*

NUM. 6

PARAHYBA DO NORTE — 15 DE JUNHO DE 1921



Mlle. Lucia Stuckert

A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos expendidos nos artigos de seus collaboradores.

ANNUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista

COLLABORADORES:

Dr. Carlos D. Fernandes

Dr. Americo Falcão

Dr. Florio Mariz

Dr. Raimundo de Carvalho

Dr. Octavio Soares

Celso Maria

Dr. Manuel Tavares

Dr. José A. de Almeida

Dr. Alcides Bezerra

Cong. dr. Pedro Anísio

Prof. Coriolano de Medeiros

Dr. Raul Machado

SUMMARIO

- I—Apologia do burro—Joaquim Americo de Almeida  
 II—De passagem—C. Wagner  
 III—Pomos de ouro—Pedro Anísio  
 IV—A quinzena rimada (versos)—Joaquim Americo de Almeida  
 V—População—Incremento biologico—Pedro Anísio  
 VI—Impressões do Amazonas—Plínio Passalunghi  
 VII—O soneto (versos)—Mathias Freire  
 VIII—Verdade (versos)—Americo Falcão  
 IX—Rebellião (versos)—Joaquim Americo de Almeida  
 X—Em torno de um soneto—P. M. Octaviano  
 XI—Viagens em torno de mim mesmo—X. de X.  
 XII—Discursos de Ray Barbosa (continuação)  
 XIII—Trovas da roça (versos) Evana  
 XIV—Clandio Caminha—Rocha Barreto  
 XV—Notas socas  
 XVI—Rechos de arte—A. N.  
 XVII—A veterinaria—Sylvio Forno

Professor Abel da Silva

Prof. Juvenal Colinho

Dr. João da Matta

Dr. Sá e Benevides

Dr. Achemar Vidal

Padre Mathias Freire

Vicente Falcão

Rocha Barreto

Dr. Jonas Montenegro

Dr. Elpidio de Almeida

Dr. Dinguens Caldas

Dr. Leano Montenegro

Dr. Leonardo Smith

ASIGNATURAS

Capital	{	Anno	14\$000	Interior	{	Anno	18\$000
		Semestre	7\$000			Semestre	10\$000
		Numero avulso	\$600			Não ha venda avulsa	

Numero atrezado 1\$000 | PRAÇA VENANCIO NEIVA, 30. | Pagamento adiantado

### A ATTRACTIVA

Camisas para homens,  
chapéus para senhoras e  
ceranças.

**GIOVANNI PONZI**

RUA MACIEL PINHEIRO

PARAHYBA DO NORTE

### PHARMACIA LONDRES

Despacha receitas com especial cuidado, pericia e  
toda presteza.

Medicamentos sempre novos, puros e verdadeiros.

Grande sortimento de especialidades pharmaceuticas,  
nacionais e estrangeiras.

**PREÇOS OS MAIS REDUZIDOS**

RUA MACIEL PINHEIRO

ROUPAS SOB MEDIDA

# DOMINGOS GRIZA & C.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 184

## CASA COSTA

TELEPHONE-145



GRANDE E VARIADO SORTIMENTO DE TECI-  
DOS FINOS PARA SENHORAS, PERFUMARIAS,  
CHAPÉOS PARA HOMENS, SENHORAS E CRE-  
ANÇAS, GRAVATAS, MIUDEZAS E MUITOS  
OUTROS ARTIGOS DE NOVIDADE.

DE EMYGDIO COSTA

RUA DA REPUBLICA N. 681

### CIRAULO & C.<sup>a</sup>

SÉCCOS E MOLHADOS  
CONSERVAS NA-  
CIONAES E  
ESTRANGEIRAS,  
VINHOS DOS  
MELHORES FA-  
BRICANTES.

Rua Maciel Pinheiro

## HOTEL LUSO BRASILEIRO

I. RAMOS MAIA

Estabelecimento de 1.<sup>a</sup> ordem—Accommodações para familias

### SERVIÇO

**PERFEITO  
E ASSEIO**

Em frente á est. da Great Western

Praça Alvaro Machado  
Parahyba do Norte

GALERIA

# BRASIL

## POSTAES DE LUXO

(Exclusividade da Galeria Brasil)

TIPO A	— 1 por	— 1\$000	— 5 por	— 4\$000
• B	— 1 •	— 1\$500	— 5 •	— 6\$000
• C	— 1 •	— 2\$000	— 5 •	— 8\$000
• D	— 1 •	— 2\$500	— 5 •	— 10\$000
• E	— 1 •	— 3\$000	— 5 •	— 12\$000
• F	— 1 •	— 5\$000	— 5 •	— 20\$000
• G	— 1 •	— 6\$000	— 5 •	— 24\$000

## CADERNETAS DE NOTAS

(Especialidade da Galeria Brasil)

Numero	1	— Uma	\$500	— Dez	4\$000
•	2	•	\$800	•	6\$400
•	3	•	1\$000	•	8\$000
•	4	•	1\$000	•	8\$000
•	5	•	1\$200	•	9\$600
•	6	•	1\$200	•	9\$600
•	7	•	1\$500	•	12\$000
•	8	•	1\$500	•	12\$000

**BEZERRA & COMP.**

35 - RUA MACIEL PINHEIRO - 35

## IONA & C.<sup>A</sup>

EXPORTADORES

Compram pelles e couros, de toda especie, sementes de algodão e mamona, pennas de ema, etc.

Mantêm grande deposito de linha de coser marca "ESTRELLA"

Têm casas com o mesmo ramo de commercio em MACEIÓ, PEDRA, CEARÁ E AGENCIAS EM BAHIA, RECIFE E NATAL.

Endereço Telegraphico: — **DELMIRO**

ESCRITORIO E ARMAZEM:

Praça São Pedro Gonçalves, ns. 75 e 97.

CAIXA POSTAL N. 7.

PARAHYBA DO NORTE

## Benjamin Fernandes & C.

Armazem de Estivas, Louças, Vidros e Exportação de assucar.

Deposito permanente de Farinha de trigo, Arama farpado, Cimento,

Pinho Paraná, Kerozene, Sabão, Sabonetes, Oleos lubrificantes,

Graxas para Automoveis, e etc. etc.

CODIGO — **RIBEIRO**

Caixa Postal — N. 3

ENDREÇO TELEGRAPHICO — **FERNANDES**

Praça Alvaro Machado, 16  
PARAHYBA DO NORTE

# ERA NOVA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

SOCIEDADE ANONYMA

OFFICINA GRAPHICA DA "IMPRESA OFFICIAL"

ANNO I

Parahyba, 15 de junho de 1921.

NUM. 6

## APOLOGIA DO BURRO

A necessidade das comparações não se en-  
fada de estabelecer grãos de igualdade entre  
os homens e os bichos.

Esse vezo assume a fôrma louvaminheira ou  
deprimente e soccorre-se de toda a escala zoolo-  
gica.

Não contentes de levar, muita vez, á pia  
baptismal os nomes dos irracionais, ainda ap-  
plicamos as suas qualidades de caracter á con-  
dição humana. Valente, como um leão. Mão,  
como um tigre. Besta, como um peru. O ju-  
gador inexperto é pato. Cachorro, raposa, ze-  
bra e camello são termos obrigatórios do es-  
tylo parlamentar. Até a gallinha é victima de  
injurias comparativas.

E ha dois animaes que, para esse effeito, já  
perderam até a categoria grammatical: porco  
e burro. São adjectivos de assiduo emprego  
social e jornalístico.

A proposito do primeiro, occorre-me a phrase  
evasiva de um companheiro de *republica*, a  
quem exprobravamos o horror ao banho ou,  
como dizia um *estylista*, a falta de abluções  
quotidianas: "Eu não sou porco para viver  
dentro d'agua. . . ."

Tinha muita philosophia a sua porcaria . . .

O varrão ainda não foi incorporado á lite-  
ratura, apesar da abundancia de escriptores  
suínos que transformam em pocilga o templo  
da arte. O burro, porém, exerce uma dupla  
influencia nos dominios do pensamento: de  
inspiração e de criação.

Alguem já fez, na Parahyba, o elogio da bur-  
rice. Mas, desse feitto, exaltou apenas uma fa-  
culdade humana.

E' melhor fazer a apologia do proprio burro.

E' uma tarefa de rehabilitação historica,  
summamente grata ao que Emilio Faguet con-  
vencionou chamar, despeitadamente, de culto  
da incompetencia.

O asno tem tido, sem embargo de suas ne-  
nhumas possibilidades de competiçáo, inimigos  
e detractores.

Na mythologia elle é montada de Baccho.  
Ser cavalgado é um destino de que se não de-  
dignam os proprios homens. Mas ser cavalgado  
por um bebedor é a condiçáo mais precaria  
que ainda se reservou a um quadrupede. As gin-  
gações da sella; o desgoverno das redeas; as  
esporadas intempestivas; a humilhação de car-  
regar no dorso uma inconsciencia inferior á pro-  
pria irrationalidade—são provações p'la burro!...  
Todavia, nunca se viu uma dessas victimas al-  
liviarse com um corcovo da pressáo alcoolica:  
antes, acóam, por força do habito, á porta de  
todas as tabernas, ainda que conduzam abste-  
míos.

Apollo, querendo vingar-se de Midas, não  
atinou com uma ignominia mais atroz do que  
pespegar-lhe umas orelhas de burro. O exem-  
plo tem sido imitado pelos zoilos que preten-  
dem applicar em letrados os proprios appen-  
dices asininos.

Os egypciós viam no burro a encarnação  
de Typhon, deus do mal. Essa impressáo des-  
vaneceu-se, através das idades, por fôrma que  
o malquisto animal, até nas suas metempsyco-  
ses, é reputado, mais ou menos, inoffensivo,  
tirantes os coures que já não são attributo  
das patas trazeiras.

Como os naturaes de Milão surprehendessem  
a rainha Augusta, filha de Anobarbus, dentro  
da cidade, fizeram-na percorrer todas as ruas  
escarranchada num jumento. E' a maior affronta  
de que nos dá noticia a historia. Entretanto,  
hoje em dia, são os burros que andam escan-  
chados em muita gente, pela logica politica  
das inversões.

D. Quixote apresentou, vaidosamente, o seu  
sendeiro á posteridade: *O Rocinante, que éste  
es el nombre, señoras mias, de mi caballo.*

Mas, quando Sancho Pança conduziu sua  
montada, *em lo del asno reparó un poco don  
Quijote, imaginando si se le acordaba si al-  
gum caballero andante habia traido escudero  
caballero asnalmente; pero nunca le vino algu-*

*no á la memoria; mas, con todo esto, determinó  
que le llevasse, con presuppuesto de acomodarle  
de más honrada caballeria en habiendo oca-  
sion para ello.*

Os fabulistas não são mais complacentes.  
Para La Fontaine, caçando com o leão ou ves-  
tindo-lhe a pelle, imitando o cãozinho, mu-  
dando de dono, etc., o burro é sempre burro.

A superstição, por sua procedencia de offi-  
cial do mesmo officio, não lhe é menos hostil:  
creou a fantasia da burra de padre que tanto  
apoquento os muars.

Mas, estreme desse iniquo juizo, o burro  
reintegra-se, por sua acção ao longo da histo-  
ria, em toda sua importancia irrational e ra-  
cional.

Já o exodo recommendava, no seu cap. 23,  
vers. 55: "Se encontrades o burro do vosso  
inimigo (os livros santos também abusam do  
trocadilho) caído sob a sua carga, não passéis  
adiante, mas ajudaio-o a levantar-se.. E o Deu-  
teronomio, no cap. 22, vers. 20: "Não traba-  
lheis com um boi e um asno atrelados junta-  
mente".

E' natural que o peso recaia sobre o mais  
pequeno, como quando se carrega andor; mas  
essa é a regra de toda actividade conjunta,  
mórmente nas repartições chamadas publicas  
não sei porque motivos particulares.

Quando nasceu o menino Deus, o burro  
estava, ao lado do boi, na divina estrebaria.

Nossa Senhora fugiu para o Egypto mon-  
tada num gerico. Jesus entrou, triumphalmente,  
em Jerusalem encarrapitado numa jumenta.

São razões sobejas para se ter alguma de-  
voção ao asno que, de mais a mais, tem, or-  
dinariamente, uma cruz no espinhaço.

Por isso foi elle introduzido em cerimoniaes  
religiosas, no seculo IV.

Era uma festa que se celebrava, na França,  
com delirante pompa. Todo o povo e o clero  
zurravam imitando, galhardamente, o objecto  
da solemnidade.

Restam, como documento desse curioso culto, versos latinos, com estribilho francês:

*Orientes partibus  
Adventavit asinus  
Pulcher et fortissimus,  
Sarcinis optissimus  
Hez, sire aue, hez!*

*Aurum de Arabia  
Thus et myrrham de Saba,  
Tulit in ecclesia  
Virtus asinaria.  
Hez, sire aue, hez!*

*Amen dicas, usine  
Jam satur ex gramine,  
Amen, amen, ileta,  
Asperitare vetera.  
Hez, sire aue, hez!*

Era muita honra para um pobre burro: além da poesia, o latim!

O asno de Verona era levado em procissão e, se acontecia morrer, faziam-lhe magníficos funerais.

Escreve Voltaire, com a sua diabolica irreverencia, que, ao terminar a missa, em vez do sacerdote dizer: *Itē missa est*, urrava, três vezes, com toda a força dos pulmões, e os fiéis, formando côro, respondiam da mesma fôrma.

A lenda da estupidez asinina é um artifício com que o homem se desforra de sua curteza intellectual.

A burra de Balaam teve, á visão do anjo ameaçador, mais sabedoria que o propheta. E como não se fizesse entender pela linguagem mimica, achou por bem falar, mostrando, de arte, que os seus irmãos não dão á lingua por que se não confundam com os homens.

A burra de Buridan deu mais que pensar aos escolasticos da idade media do que a pedra philosophal.

O asno de Sileno falava e cuidam os sabios que em arabe.

Dizem que Ammonius tinha um asno que conhecia a poesia e deixava a cocheira para ir ouvir versos, o que não é de admirar, porque, em nossos dias, se não ha burros poetas, ha poetas burros.

Dão até nome aos poemas, como o de José Agostinho de Macêdo.

D. João IV, de Portugal, collocara uma sineta numa dependencia do seu palacio, para que os pobres, por esse aviso, fossem servidos de comida, através de uma abertura sufficiente para a passagem dos alimentos. Pois, um burro aprendera a puxar o cordão e, durante muito tempo, passou, humanamente, á larga.

Guerra Junqueiro faz ouvir se no parnaso o tropel do burrico da moleirinha: *tic, tac, tic, tac.*

E, verdade verdade, a gente chega a ter ganas de criar orelhas caracteristicas, após a leitura do *Dialogo dos burros*, de Machado de Assis.

Uma dama, enamorada do asno de Luciano, abandonou-o, quando elle se converteu em homem. Talvez houvesse razões, que o novelista não explica, para essa preferéncia amorosa.

Os burros eram guerreiros na Mesopotamia e o califa Mervan tinha a autonomia de Asno, por sua bravura.

Sansão com uma queixada de burro matou mil philistaeus.

Não me dizem os argentarios porque se dá o nome de burra aos cofres fortes: sei apenas que essas burras dominam o mundo.

Napoleão, a bordo do «Bellérophonte», de viagem para Santa Helena, contou como tran-

sizou o monte de S. Bernardo para ir dar a Marengo: «David, disse elle, pintou-me sobre esses penhascos a cavallo num puro sangue. Nada menos verídico, senhores, eu cavalgava, então, uma mula de pés seguros e andadura lenta e cautelosa».

O imperador dos franceses reivindicou, assim, a gloria de assinar o nome de «Bellérophonte», de modo indigna de figurar na sua tela.

Nenhum escriptor deve estomagar-se com esse epitheto que, aliás, já foi emprestado a Dante por Tolstoi e a Victor Hugo por um critico inglês.

Ser burro é o ideal do regime da incompetencia. É estar isento das conspirações da mediocridade.

Cumpra-me, de minha parte, fazer esta apologia: ASINUS ASINUM FRICAT.

José Americo de Almeida

## DE PASSAGEM...

VI

Ninguém há, tendo mesmo pequena dose de entendimento e responsabilidade, apathico, pessimista e indifferente ás cousas alegres da

existencia em seu interessante livro *Porque me afeto de meu paiz.*

E com essa patriótica e formosa tirada que o dr. Cyro Vieira da Cunha, conforme leio nos «Archivos de Biologia», de São Paulo, abre a magnífica conferencia que pronunciou sobre «O veneno elegante».

Folheio ao mesmo tempo o numero 5, de 15 de maio do anno corrente, da *Chacaras e Quintas*, revista de assumptos varios, offerecendo leituras agradaveis e útil a todos os profissionais, e lá encontro á pag 372:—«Temos no Brasil cinco pragas tremendas que precisam ser combatidas sem treguas: o analfabetismo, o amarellão, as maleitas, a sativa e o cupim.»

Sabe o leitor que o combate ás quatro primeiras pragas já está iniciado em a nossa querida Felippa, sendo que a guerra ao analfabetismo está mais do que iniciada, porque começou a ser batida a golpes de palmatoria, piparotes, puxavantes de orelha, além dos castigos moraes e deprimentes, desde que a ignorancia se revelou perniciosa e fatal á humanidade.

Mas, em cada uma d'aquellas pragas se encontra vasto assumpto para uma delectavel e instructiva dissertação, sendo de justiça confessar que qualquer d'ellas já está mais surrada que v. g., a *musa matuta* do jovem confrade Leomotta, sem pretender desfazer nos meritos do apreciado *folk-lorista* crearense.

Amanhã, já não haverá menino de escola, tendo professor adeantado e desejoso mesmo de preparar alumnos para exames, que venha ignorar, em absoluto, como se apanha o amarellão, e as maleitas, e como se deve proceder para evital-os. A questão é saber fazel-o praticamente, o mesmo se dizendo dos outros males.



Busto de Pedro Americo, á praça do mesmo nome.

vida, que seja capaz de contestar ser «o Brasil, positivamente, o paiz mais extraordinario do mundo. Extraordinario pela grandeza do territorio, pela inegalavel belleza dos rios, pela formosura sem par do Guanabara, pela doçura de cêo perennemente azul, por todas aquellas cousas, enfim, que Affonso Celso

O que, porém, deve admirar a qualquer mortal, entrado na vida publica, mais ou menos conhecedor dos desejos, das intenções, e dos propósitos reservados dos homens — uns com o veneno da serpente e outros com a doçura da pomba — é não ter o escriptor incluído mais uma praga tão malefica quanto as que citou: — a politica!

E', de certo, essa matrona, ás vezes aflavel e de cara alegre e outras vezes carrancuda e mal humorada, que constitue a sexta praga do Brasil, e talvez de todo o Universo, porque, afinal, os homens são feitos anatomicamente de carne e osso, com a mesma organização physiologica, e com os mesmos desejos e ambições! . . .

Não preciso ir muito longe, recordando datas e factos, e bulindo com a invejavel eloquencia do eminente sr. Ruy Barbosa, para se saber a quanto chega, a quanto vai e a quanto arrasta a sra. politica o homem que a ella se entrega de corpo e alma, ou della ou para ella vive.

A grande metropole do paiz, até á hora em que fecho a presente chronica, agita-se desordenadamente em torno da successão presidencial da Republica, sendo este quasi o unico assumpto de que trata o serviço telegraphico das folhas recifenses.

O Vesúvio não estaria em maior effervescencia. A Opinião Publica jámais se expandira tanto. O choque de idéas nunca estivera em lucta tão accesa e desencontrada, movimentando todas as classes e provocando o livre pronunciamento das multidões.

Da politica eu disséra, certa vez, quando foi do caso Coêlho Netto, em 1918, pleiteando a sua reeleição á Camara Federal pelo Estado do Maranhão.

Poucos são, entretanto, os que não descajam se aquecer ao calor d'essa fogueira sempre crepitante, sabendo embora que ella queima, abrindo muita vez chagas terriveis no corpo e na alma! . . .

Mas, a politica tem os feitiços e as tentações que os homens conhecem, nectas que embriaga, produzindo no somno esses «sonhos côr de rosa» de que falam os poetas.

O sr. Arthur Motta, fazendo a biographia do senador do Imperio, Francisco Octaviano, disse não ter escapado elle á seducção da «infancia Messalina que, de seus braços convulsos, pelo hysterismo a ninguém deixa sahir senão quebrantado e inutil», segundo as proprias expressões, no prefacio aos «Vãos Icaros» de Rozendo Moniz Barreto. «Veiu-me ao encontro, arrastou-me para suas orgias e, com as emoções e fadigas, me arredou das boas letras, despenhando-me do céu da poesia na terra calcinada do jornalismo de partido»

—De minha parte direi bem humildemente, desse meu adorado recanto provinciano, que militando na politica com moderação e comedido desde o advento do regimen em vigor e cercado-me sempre de certos cuida-

dos prophylacticos, não cheguei — creio poder dezel-o — a me estragar ou me corromper.

O que não acredito é haver remedio para essa sexta praga, erradicando-a dos nossos habitos, matando-lhe o *stegomya* inoculador do terrivel veneno.

No Brasil, porém, *barulho acaba em casamento*, conforme disse chistosamente o preclaro senador Nilo Peçanha, agora chegado d'alem mar cheio de muito prestigio e confiança.

**Toda a correspondencia que diga respeito a "Era Nova" deve vir endereçada a Severino Lucena, nesta redacção.**

**Está incumbido de angariar assignaturas e annuncios para esta revista, nesta capital e no interior do Estado, o sr. João Ferreira da Silva.**

**Recommendamol-o especialmente aos nossos prestimosos correspondentes, no sentido de auxiliarem-no nessa empresa, para bom exito dos nossos interesses.**

## POMOS DE OURO

E' necessario ter algum dinheiro guardado e algumas provisões de reserva para os máos dias; porém, mais do que tudo, é mister possuir principios de rectidão, regras e normas para dirigir a vida e a conducta, certos pontos de vista justos, e algumas idéas sãs acerca dos homens, das coisas, das instituições e dos interesses.

A noite mais escura é essa treva em que se extraviam, se afundam e se perdem os seres pouco illustrados.

O verdadeiro thesouro e a grande força da humanidade, é, portanto, o patrimonio de idéas, de luzes intellectuaes e moraes, de pontos de vista certos sobre o mundo e sobre o nosso destino.

Não deve ninguém poupar-se a esforço que favoreça o advento e a manifestação da verdade. Busca-la, conhece-la, diffundil-a, é pugnar pela salvação da humanidade.

Tenhamos sempre a coragem de manifestar a nossa opinião. Não escondamos nem dissimulemos as nossas intenções.

Quando se possue uma bandeira, é para a alçar á luz do sol e não para a occultar na algibeira.

Ostentae as vossas idéas como um pendão e fazei-as soar com o som vibrante d'um clarim.

As convicções firmes têm custado bastante esforço e denodo, para que deixemos de as honrar com uma manifestação clara e franca.

Não é trivial no homem a coragem de sustentar as suas idéas. E' uma das fórmãs mais puras e elevadas da energia humana.

Ao valor moral de ostentar francamente convicções uma vez adquiridas, sabeí unir a re-

Valha-nos esse desofôgo, esse consólio, na emergencia politica em que se encontra o paiz, a findar, está parecendo, por um consorcio que contente a desunida e grande familia politica, reunindo a todos sob o mesmo pallio da harmonia, da bemquerença e da felicidade.

Certamente, é esse o ardente anhelio de todos os politicos, ou melhor dos politicos de todas as côres e de todas as especies . . .

GIL

serva nas questões que não houverdes examinado sufficientemente.

A lealdade aos principios consiste em avançar audazmente, quando temos que expol-os e em não transigir nunca, nem tomar compromisso máo ou ambiguo.

A multidão humana é prompta em affirmar o que mal conhece. As coisas que se desconhecem são as que se proclamam com mais emphase. Desconfiae d'essa ousadia. Os homens com audacia para affirmar o que não sabem são geralmente cobardes e não se atrevem a affirmar os factos que lhes são conhecidos. Têm medo de se comprometter, intimidam-se perante os riscos a correr e se entra em jogo o seu proprio interesse, metteu a bandeira no bolso e apagam a luz para melhor se occultarem. A estes homens falta-lhes a hombridade e valor civico.

C. Wagner.

—:‡:—

J. J. GOMES—Acaba de ser nomeado pela directoria do Banco do Brasil conferente da Agencia de Florianopolis o nosso prezado collega J. J. Gomes da Silva.

Nesses dias s. s. tomará passagem com destino áquella capital, em companhia de sua exma. familia.

Pesando a falta e a saudade que nos deixa tão distincto companheiro, abraçamol-o pela prova de confiança que vem de receber do acreditado estabelecimento a que vem de muitos annos prestando os seus serviços.

## A quinzena rimada

O auto-omnibus, um dia,  
Surpreendeu-nos, em geral,  
E, quando o bicho corria,  
Parecia um carnaval.

Ir e vinha num minuto,  
Nesse primeiro momento,  
Queria-se entrar no bruto,  
Mas se tinha acanhamento.

E foi num triz baptizado:  
Era a gata, o dingo, o bicho,  
Ou nome mais adequado  
Que, por favor, não espicho...

Quem do automovel já mais  
Conhecera as sensações  
Teve as, em condições taes,  
Apenas por dois tostões.

Do omnibus, por isso, os bancos  
São conquistados a muque.  
Embora elle corra aos trancos,  
Ninguém ha que se machuque.

Depois que se sentia a gente,  
Aquillo é um paraizo:  
Vae um do outro na frente,  
Vão todos jogando siso.

Se não agrada o fronteiro,  
Deve-se olhar para traz.  
Mas, se é um rapaz solteiro  
E a outra é moça—que se faz?

São 16 os lugares,  
Mas, se o bicho está completo,  
Quem tiver medo de azares,  
Deve entrar muito quieto.

Se ha no banco assentos fartos  
E ha mulher na vizinhança,  
Faça por murchar os quartos  
E por encolher a pança.

Quem costumava e costuma  
Pagar passagens, porque  
No auto não paga nenhuma,  
Se vê, finge que não vê?...

Porque nosso companheiro  
Avança em nosso coupon,  
Que custou nosso dinheiro,  
Como menino em bonbon?...

A correr a todo panno,  
O omnibus andava cheio,  
Não era um transporte urbano,  
Mas um carro de passio.

Quem, no entanto, sahe de casa  
Por uma necessidade,  
Prefere, senão se arranja,  
Pagar sómente a metade...

Quando o bonde, por azar,  
Não encrensa, nem se esconde,  
Não vê a gata passar:  
Prefere tomar o bonde.

E um milagre o omnibus fez:  
Do bonde a resurreição.  
Resuscitaram os três,  
Com inveja do tostião.

Mesmo do angelus depois,  
Andam por todas as linhas,  
Senão todos, um ou dois:  
Já não dormem com as gallinhas.

Um soldado, em cabra-cega,  
Agarrou o homem nu;  
Mas o homem nu escorrega  
E foge, que nem mussù.

Si se dá voz de prisão,  
Pega-se pela abertura.  
E, estando em traje de Adão  
O cujo, em que se segura?

Foi, desta vez, mallogrado,  
Deixou fugir o sujeito;  
Mas, de outra vez, o soldado  
Saberá pegar de geito.

Accitei tanta cadeira  
De beneficios de artista,  
Que, no fim da brincade-ra,  
Ando também dum na pista.

Um beneficio, com acerto,  
São as minhas esperanças,  
Depois que tanto concerto  
Desconcertou-me as finanças.

Fez o Motta no theatro  
Adivinha popular,  
A três mil réis ou a quatro,  
Para o povo adivinhar...

Recitou, disse charada,  
Representou, sem ter ponto,  
Fez muita coisa engraçada  
E no fim, contou um conto.

As beatas da Bahia  
Recomendam que se ensote  
Toda moça de decote  
Que entrar pela sacristia...

Quem procede assim com os seus  
Da fé desconhece a luz,  
Desconhece a lei de Deus  
Que manda vestir os seus.

Fez o rapaz finca-pé  
E puxou o boticão  
E quando a moça deu fé  
Estava sem coração.

Em vez de dente, o dentista  
Extrahiu-lhe o proprio amor,  
Ali, se ha quem resista,  
E' ella; trata sem dór.

Chega primeiro o noivado  
E, depois, chega o juiz,  
E' o casorio alinhavado,  
Porque todo mundo quiz.

Mas, depois de tudo feito,  
O noivo protesta, em grino.  
Então, o juiz de direito  
Dá o dito por não dito.

Quem quizer, sendo quebrado,  
Ter uma bibliotheca  
E' tomar livro emprestado  
E mandar o dono a bréca.

E pôde até, afinal,  
Se não houver arrelia,  
Sem credito ou capital,  
Abrir uma livraria.

Se não és, leitor, quasi lento,  
Vê bem que nesta secção  
Meus erros cento por cento  
Sãos erros de revisão...

Lido num jornal norte-americano:

«Precisa-se de um homem de aspecto sadio e de boa constituição para a sala de espera de um medico. Paga-se bem. A pessoa em questão ficará três horas por dia na sala já citada, na qualidade de doente já curado, gabando o tratamento do medico aos consultantes. Cartas a P. O. . . Caixa n. 148492.»

## NO DOMINIO DO OCCULTISMO

Acha-se entre nós, desde alguns dias, mme. Sarah Ida, cartomante, de origem belga.

Mme. Sarah, que veiu do seu paiz para o Brasil ha pouco tempo, já percorreu diversas



cidades do sul, sendo os seus trabalhos de cartomancia geralmente accitos.

Ella fala do passado, do presente e prediz o futuro de seus clientes com admiravel precisão e dá-lhes conselhos sobre negocios commerciaes, casamentos, etc. cobrando preços modicos pelas consultas.

Mme. Sarah Ida demorar-se-á poucos dias aqui, devendo em breve seguir para a capital pernambucana.

## A EDUCAÇÃO DA MULHER

Ensinae á mulher:

A confiar em si mesma e ser independente.

A cozinhar

A não usar cabellos postigos.

A não pintar o rosto, nem usar pós de arroz.

A usar sapatos commodos e de sola grossa.

A lavar e engommar.

A fazer seus vestidos.

A lembrar-se de que um mil réis tem 10 tostões e que muitos tostões fazem muitos mil réis.

A evitar melancolia e propositos de ganhar disso.



# POPULAÇÃO INCREMENTO BIOLÓGICO

Sofre o organismo demographico no seu crescer e desenvolver-se, segundo nos instruem os documentos estatísticos, as mesmas vicissitudes que o progresso, a riqueza e a civilização em geral.

A vida é todo este fluxo e refluxo perenne, uma curva e progressão ondeante.

Contrastando com o incremento biológico, vêm-nos, mão a mão, no curso dos seculos, paradas repentinas, regressões e decadencias.

Entre os povos de cultura inferior, na Polynésia, no Antigo e Novo Mundo, jazem, em extensões vastíssimas, os vestígios e signaes certos da existência de innumeras raças, hoje de todo desaparecidas. Ao lado destas descobre a ethnologia outras muitas que sobreviveram ás guerras e cataclysmas e alcançaram chegar até nós ainda fecundas e vigorosas.

Estão neste ultimo caso os Arias, que povoaram a Europa toda.

Não é raro, tampouco, o phenomeno da oligantropia no seio dos povos civilizados.

Aquellas mesmas nações que, por sua excellente posição geographica, se diriam fadadas a tornar-se, de perpetuo, centros de população e riqueza—e de facto o foram durante largo tempo—padeceram, não menos que as outras, os revezes da sorte: extinguiram-se umas, outras, com a perda de sua civilização, deixaram assimilar-se de nações mais fortes. Assim succedem com os Chaldeos e Babilonios, com os Itilas, os Assyrios e Persas, os Gregos e Romanos. A India e a China, por sua vez, quedaron-se na immobildade demographica e economica.

Se não tivéssemos de attender mais que a tendencia da especie, que é multiplicar-se e perpetuar-se no espaço e no tempo, seríamos forçados a reconhecer na população, assombrosa força expansiva e a pôr com Malthus o crescimento de periodo em periodo.

A respeito desta aptidão e capacidade das raças, deste augmento possível da população humana, como tão bem frisa Sismondi, não há, que nos conta, duas opiniões discordes.

Todos os economistas, se não chegam a subscrever a mesma proporção de Malthus, não lhe ousam contestar o asserto, posta a questão nestes termos.

Na generalidade das familias, escreve Leroy-Beaulieu, ao numero exigido para manter simplesmente o effectivo dos habitantes de um paiz supera o numero dos filhos, desde que os paes se não preocupem com o futuro da prole.

Deixando o problema *in abstracto* para o considerar tal qual se nos apresenta na realidade, veremos que mui outra deve de ser a solução.

A' onda montante da população, aqui e ali, oppõem diques causas naturaes e accidentaes variadíssimas: a miséria, as privações, as en-

fermidades; as epidemias, os desastres e grandes flagellos sociaes como sejam:—os terremotos, as inundações, as guerras, etc., que, de onde em onde, ceifam aos milhares a vida humana.

A esses factores ajuntam-se os que de um modo constante dizem populações inteiras— a malária, o alcoolismo, a tuberculose e a syphilis.

## GALERIA INFANTIL



ALBERTO e AURELIA, filhinhos do sr. Aureliano Luna, encarregado da Estação telegraphica desta capital.

Como se vê, os algarismos não são já os mesmos.

O facto experimental visa meaos a população em si do que o ambiente physico, domestico e social; o grão de cultura, a educação, os habitos e costumes; os cuidados hygienicos e meios prophylaticos empregados como força regressiva da mortalidade, aquillo, em summa, que entra para a constituição do typo normal especifico da demographia.

Ora, se alcançamos a vista para os povos selvagens, o que logo nos surpreende é a mortalidade espantosa não só dos filhos como das viúvas, dos escravos e dos velhos. Todas as classes são ali immoladas, já devido aos feros instinctos e inveterados costumes daquella gente nomada, já em consequencia do canibalismo e brutas superstições reinantes.

Tambem são maiores os disequilibrios na vida social.

A prole nasce já prejudicada com os máos tratos que infligem ás mulheres; em muitas tribus são as femeas sacrificadas, mal vêem a luz do dia; a familia tem frouxos muitos dos

seus laços; desnatura-m-lhe a essencia o divorcio que é, por toda a parte, praticado; a polygamia e ainda, o que peor é, a polyandria.

Por onde se conclue que no estado de barbaria, com a adopção de semelhantes praxes e costumes tão extravagantes, se seguirão as desordens umas ás outras, baldando todos os calculos.

Nos povos civilizados por causa dos ileaes de vida que se propuseram é menor a desproporção entre os nascimentos e a mortalidade e mais ou menos estavel o equilibrio social.

Certa constancia, com effecto, certa ordem e uniformidade apresentam, quase por toda a parte, as taboas de sobrevivencia, o que argue a estabilidade do facto matrimonial, ligada que está a um elevado conceito da vida.

Assim, na civilização occidental, são palavras de Toniolo, especialmente desde a idade dos municipios até o antigo regime, a numerosa prole veio a ser característica de familia e de populações cristãs e, ao mesmo tempo, motivo de prosperidade.

Pelo contrario, ao influxo das idéas pessimistas de Schopenhauer, de Hartman, já se vae produzindo, de maneira lenta, embora, e pouco sensível, o decrescimo da natalidade nos paizes europeus.

Se o coefficiente da natalidade é elevadissimo na Russia, na Austria e nas regiões balticas, já nas outras nações vizinhas da França se mostra diminuido de muito e com tendencia a baixar toda mais. Na França, na Inglaterra, na Belgica, etc. varia de 25 a 31 por 1,000 habitantes.

Da Espanha nos diz Gil, ao tratar do ultimo Anuario estatístico publicado, que o neo malthusianismo começa de fazer ali os seus estragos.

Ainda que nos custe crel-o, assim se expressa aquelle escriptor, a coisa, por desgraça, é verdadeira e de nada serve cerrar os olhos. No primeiro quinquenio do presente seculo foi de 355 por cada 100 habitantes o coefficiente de natalidade em Espanha; no segundo quinquennio, porém, já havia baixado até 295.

Dentro na propria França se pôde ver esse contraste tão accentuado—o augmento e a escassez da população—, contraste que implica necessariamente diversidade completa e radical entre os ileaes de cultura ali introduzidos.

Nada menos que um abysmo separa a mentalidade da Borgonha e da Gasconha, por exemplo, da dos districtos flamengos do Norte, da Bretanha, Vendéa, etc., que guardam intactas as suas crenças, tradições e costumes.

E se desaparecer esta barreira entre as duas provincias, e uma e outra vierem a ter communs os ileaes de vida, a França perderá

ainda, na autorizada opinião de Leroy—Beau-  
lieu, mais de 40 000 nascimentos por anno,  
alem dos que perde actualmente.

A que attribuir, por consequente, o decli-  
nio da população?

O mal, citemos as proprias palavras do in-  
signe ecomista francez, é absolutamente vo-  
luntario. Deve-se á concepção pagã da vida,  
ao arrivismo, á ambição familiar, etc.

Comquanto seja de ordem physiologica, está  
o phenomeno já directa, já indirectamente,  
dependente da vontade humana.

A cadeia fatal da evolução quebram na os  
actos voluntarios; não podemos, assim formu-  
lar uma lei biologica da população.

Influencias variadissimas cortam e recortam,  
atravessam, interrompem e estorvam o curso  
evolutivo.

Entretanto, não nos faterem de todo os re-  
cursos e criterios seguros para nos conduzir  
por esses meandros á exacta comprehensão do  
progresso demographico.

Para isso se faz mister estudar o typo espe-  
cifico da demographia.

PADRE PEDRO ANISIO

### TEDIUM VITAE

A Celso Matiz

*Dias de inverno. A alma da gente corta  
Uma tristeza indefinida e vaga...  
O pensamento sae, de plaga em plaga,  
Resuscitando uma esperança morta...*

*O sol, occulto, ao mundo não affaga  
Com a rutilante luz que a graça importa,  
A graça que fecunda, e nos conforia,  
Nestes dias, sem fim, de chuva e praga...*

*Relampagos, trovão, raios sem termo,  
Enchem de sons, enchem de medo a terra,  
Da serra ao monte, da cidade ao crmo.*

*O vento, forte, exasperado, berra,  
Emquanto, dentro em mim, no peito enfermo  
O tedium vitae, nesses dias, erra!...*

JOSÉ SALDANHA

### "INDOMAVEL COMO UMA ZEBRA"

Aqui está um dictado da sabedoria popular,  
que, tendo atravessado seculos e seculos de  
uso e, sempre empregado com uma proprie-  
dade intangivel, chegou intacto até aos nossos  
dias. Hoje, porém, a justiça do seu emprego  
desapparece diante das experiencias feitas no  
entido de domesticar as zebras, experiencias  
cujos resultados vêm desmentir a sabedoria do  
povo.

Conta o dr. Paulo Reichard, membro de  
uma expedição allemã que em 1881 foi enviada  
á Africa, ter visto em Zanzibar um arabe que  
se servia de uma zebra para montaria de  
viagem.

Um colonizador belga, em 1879, conseguiu  
amansar uma, cuja mãe havia sido morta em  
uma caçada. Nutrindo-a por meio de farinha  
amolecida em agua morna, conseguiu um lin-  
do animalzinho que o seguia como se fóra  
um cão.

Hangenbeck, o grande mercador de animaes  
selvagens, de Hamburgo, possuiu muitas zebras  
que fazia trabalhar nos circos.

E não se torna necessario apanhar-as sin-  
da novas, para se obter semelhante resultado.

O tenente belga Nys, havendo capturado 90  
destes animaes, conseguiu tornar doces 60,  
dos quaes elle se approximava sem risco de ser  
esconçado ou morrido.

Verdade é que 30 morreram umas por re-  
cusarem alimento outras por excesso de gula-  
dice e algumas, finalmente, por se matarem

atirando-se de encontro ás paredes das esti-  
barias fechadas a que foram recolhidas. Nem,  
por isso, entretanto, deixa de ser brilhante o  
resultado colhido pelo tenente Nys.

Assim, pois, fica abolido o velho rirão po-  
pular, a despeito de todos os seculos que o têm  
visto passar.

### Arte Parahybana



O sr. WALFREDO RODRIGUES, operoso  
proprietario do Electro-Photo, a cuja capacidade  
artistica muito deve a nossa secção de clichés.

### ESPONSAES E CASAMENTO NA TURQUA

Na Turquia o mancebo que quer casar não  
tem o direito de fazer por si mesmo a esco-  
lha de sua companheira na vida. Quizesse elle  
escolher e ver-se-ia grandemente embaraçado  
na escolha, pois as mulheres musulmanas, vel-  
has ou moças, conservam uniformemente o  
rosto occulto sob um véo espesso. De sorte  
que, na rua, a velha de cara encarquilhada e  
simiesca e a rapariga nova e bonita mostram-se  
com o mesmo aspecto de sombras mysteriosas  
e fugitivas. Nestas condições o rapaz entrega  
o seu futuro conjugal ao faro e gosto de sua  
mãe e das parentas proximas e ficará noivo  
sem conhecer os traços phisionómicos da mulher  
que vai partilhar a sua sorte. Um bello dia,  
as parentas vão a diferentes casas, onde sabem

que podem encontrar uma rapariga casadoura  
Nesta solenne commissão ellas tomam o titulo de  
*yurudjis* (védoras). As *kis* (moças) desfilam de-  
zante dellas todas coradas de pudor. Servem  
café forte em pequenas chicaras e esperam em  
silencio que as visitantes as descubram e lhes  
esmiucem os traços de belleza e de graça, sor-  
vendo a bebida aromatica a pequenos tragos.  
Si ás *yurudjis* agrada uma *kis*, levam isso sem  
tardança ao conhecimento da mãe da esco-  
lhida. Pouco tempo depois, as negociações fi-  
cam concluidas sem mais ceremonias. Trocam-se  
presentes esponsalicios, enviando o noivo á sua  
prometida um par de brincos, um anel, um  
broche ou, mais modestamente, um par de  
calçados ou um pedaco de fazenda, e ella ao  
seu noivo um presente do mesmo genero. A  
recente-casada, vai para sob o lecto conjugal,  
após a cerimonia matrimonial, depois de pro-  
lucadas as devoções vesperaes.

# Impressões do Amazonas

LENDAS ★ De um livro em preparo

... Vem outra crendice, nascida talvez dessa primeira — Os olhos do bôto vermelho são poderosíssimos talismãs, que legam, a quem os possuem, irresistível poder de sedução e a faculdade de despertar violentas paixões amorosas nos corações mais rebeldes e resistentes... D'ahi a fácil venda, ás vezes por altos preços, de tão valioso elemento, entre os supersticiosos seringueiros, ávidos da preferéncia affectiva das desenvoltas caboclas das selvas amazonicas, em cujo amago penetram empunhando a machada com que golpeiam, ao mesmo tempo, a siphonia leitosa e a barbaria reinantes, desbravando-as, civilizando-as, num herculeo esforço obscuro. Não raro, a exploração da creença supersticiosa dá logar a pilhericos embustes... Vendem olhos de pirarucú por olhos de bôto... e os crentes, muito convencidos, compram os gatos por lebres, porque os magicos olhos quasi sempre vêm cuidadosamente mettidos em curiosos patuás pequeninos, feitos em finissimo tecido de tucum... E quantas vezes os olhos seccos dos pirarucús não terão produzido os magicos efeitos dos attraentes olhos dos bôtos!... Mais vale, ás vezes, a fé...

Campeia também a lenda indigena do Mapinguary.

O Mapinguary é um ser estupendo, um duendo colossal das selvas sombrias da Amazonia. Um indio gigante, senhor absoluto da portentosa natureza do immenso rincão equatorial. Regio ser daquelles dominios reconditos e mysteriosos, senhor da flora portentosa, das caudax immensas, dos incontaveis igarapés, dos immensos igapós estagnados e tijucosos, dos espelhantes lagos profundos, dos murmurosos regatos. Senhor da fauna grandiosa e varia, que são do rugido estarrecedor e regougado das fauces escancaradas do tigre temeroso ao pio melodioso da medrosa jurty e ao zum-zum irritante da carapanã hemophaga, na incomprehensivel symphonia biologica de milhões de vozes diferentes. Regente do estupendo concerto wagneriano de todos os ruidos daquellas mattas, impõe-lhe, paradoxalmente, os profundos silencios dos meos dias ou nellas desencadeia a formidavel orchastração estrondosa pela noite a fóra. Porque é, como bem diz o grande mestre d'OS SERTÕES

Nas florestas amazonicas as noites são fantasticamente ruidosas.

O lendario ser amazonico, conscio do seu illimitado poder, é soberbo de tolerancia, não descendo a molestar ou perseguir os miseros pygmeus, que, invadindo-lhe os dominios, tentam, miserandos, cercar-lhe o poder numa triste conquista de microscopicos tractos da vastidão immensa, da qual se tornam, em breve, escravos, sem que disso se apercebam...

Olha-os com indifferéncia ironica e somente por desfastio, no goso de saborear o ridiculo do effeito da sua appareição, surge, por vezes, ante um ou outro dos pygmeus mais vaidosos, que já se julgam grandes potentados naquelles fascinantes recessos. Não ha que duvidar então do ridiculo certo... Na tonalidade

Este, avançando a passos firmes, vem equipado—O inseparavel rifle, luzindo arriado occupa-lhe a destra; da cinta, onde reluz a machada, pendem o terçado afiado, revestido do coiro jaite da bainha, e a fieira sobrelente das tigellinhas. A mão esquerda o balde para a colheita da preciosa seringa...

Caminha com desembaraço, não sem cautela. Olhares rapidos perscrutam, em varias direções, os recessos da matta. As selvas da Amazonia podem offerrecer, ao desbravador incauto, desagradaveis surpresas. — O subito encontro com um selvagem felino, grande e feroz, sal-



DR. PINTO PESSOA

neutra da penumbra, á beira da trilha por onde vae passar o pygmeu, ao pé do caule gigantesco de secular samaumeira ou de carunchoso cedro, a fóra gigante do indio fantasma define se num todo imponente!.. Recostado ao tronco negligentemente, as plantas formidaveis esmagando a alfombra espessa da folhagem secca, os braços herculeos cruzados sobre o herculeo thorax, a larga fronte inclinada para o chão, espreguiçada, com os olhos semicerrados e um friso de ironia a enrugar-lhe a bôcca, o vaidoso gnomo que se aproxima...

pintado ou negro, paraliza o sangue, gelando o á pavorosa emoção; o sibilar de uma flexa que passa a dois centímetros dos olhos, tangida por traiçoeiro arco invisivel e que, por providencial desvio, se vae cravar rijamente n'um caule adiante, estarrece o mais enfiado animo; o repentino farfalhar das folhas seccas, remexidas ao rastejar de descommunal serpente que, em subito arremço, foge do lethargico repouso, descompassa o coração e suspende o respirar ao mais fleumatico corajoso—E não ha que reagir contra o terror. Caminha o pygmeu...

O SONETO

Se o poema em quatorze versos seja  
uma empresa arriscada não parece  
porque de sonetistas grande messe  
tu conheço, que espiga e faz inveja.

Entre nós, por exemplo, se verseja  
Com tanta boa fé, tanto interesse,  
Que o soneto abotôa, exulta e cresce  
Entre um charuto e um copo de cerveja.

Sonetar, no Brasil... uma epidemia,  
Que affecta o cidadão verde e o maduro,  
Sem na cova chantal-o, todavia...

Até meu papagaio—idiota e surto—  
Esse verbo conhece e algaravia  
No passado, presente e no futuro.

MATHIAS FREIRE

VERDADE

Dos mundos fala o astrônomo profundo...  
Pensa, investiga escreve e se engrandece!  
Velo, a sua fama corre o mundo,  
E entre applausos febris fulgura e cresce!...

Eleva o pensamento aureo e fecundo  
No jardim sideral que em luz floresce...  
Chimera! E após um rápido segundo  
Triste e descrente o pensamento desce!

Por isso eu digo: Emudecei-vos lábios!  
Não vos deixeis embriagar no engano,  
Das palavras phantasticas dos sábios!...

Tudo é Mystério... e ante o Fatal-Segredo  
Sem força, morre o Pensamento Humano,  
Como um desilludido no Degrado!

AMÉRICO FALCÃO

REBELLÃO

Da alva solar até que a luz declina,  
verga o operario á febre do trabalho:  
na forja, ardente, heicâlev, asindo o malho,  
ou sob a treva tumular, na mina.

O sol penetra a medo na officina  
e em solilóquio diz o obreiro:—Espaího  
o bem na terra, sou da treva o orvalho,  
e os outros são como aves de rapina...

E põe-se a med'lar, ancioso e mudo,  
a lar é pobre, é longa a noite, a fome  
cresce: transborda a taça de amargura!...

E clama aos céos:—Ideal, porque me illudo?  
si não tens forma, si não tens um nome,  
si a mão tacteia quando te procura?

JOÃO CABRAL

Em dado momento, os seus olhos esgaseados de espanto fixam-se nas plantas descomunais do gigante... susta-se-lhe o passo, repentinamente, sob o imperio do medo e o homunculo, na duvida do que vê, ergue os olhos, seguindo as columnas musculosas das pernas formidaveis e, num relance, abrange o fantastico. O fremito do terror contrahete toda a epiderme, eriçando-lhe os pellos. O refluxo de todo o seu sangue para incognito centro emotivo apaga-lhe o raciocinio, annullando-lhe a coragem. E' o momento critico, ironicamente preparado pelo sarcastico Mapinguary...

Desfibrado pela corbardia ante o sobrenatural, o seringueiro, que é somente pernas, num ingente esforço que exercita para a posse do unico elemento de defesa de que se pôde servir — a fuga — abala para traz, numa carreira desordenada, que levaria vantagem ao melhor puro sangue de corridas, chocalhando medonhamente as tigellinhas... O balde, cahido da mão distensa pelo espanto, roiou a dez passos, rebolando com fanhosos ruidos de lata; o rifle, prejudicial trambolho, ficou estendido na picada, mufil e inoffensivo, com toda a carga de doze balas nas entranhas... O pocirão da fuga já intercepta o vulto esgarabiilhão do fugitivo distante... E, pela matta, rezouga a gargalhada sardônica do regio ser fantastico...

—Ha quem possua, com inabalavel convicção de deter irrefutavel prova da existencia material do Mapinguary, pedaços de argilla, onde presumem ver gravadas grandiosas pegadas do gigante indigena...

Mauão - 1919.

Pinto Pessoa

Os alumnos da 2ª cadeira do sexo masculino de Mamanguape vêm de fundar naquella cidade um gremio escolar, que recebeu o nome de Aristides Lobo.

A fundação desse gremio tem por fim o desenvolvimento civico e intellectual, conforme nos communicou o seu secretario, sr. Antonio Dias de Freitas, e propugnar, portanto, pelos interesses de Mamanguape.

CUIDADOS A TER COM AS CRIANÇAS

SOMNO—BERÇO

A criança deve sempre dormir no seu berço. Nunca com a mãe ou ama, porque isto é prejudicial á sua saúde e até pôde morrer esmagada. Também é nocivo que durma nos braços e ainda mais sendo embalada.

A posição mais conveniente na cama é voltada

para a estação) do nascimento, a creança não deve sair de casa. Depois, convém sahir com ella todos os dias, sendo possível, porque as creanças necessitam muito ar puro. Nunca deve sair de noite, nem tampouco em dias de humidade ou de vento norte violento.

A partir dos 7 ou 8 mezes, a creança necessita fazer algum exercicio. Para esse fim, o melhor é collocar-a no chão, sobre um tapete ou manta, onde brinca e termina por andar de gatas e ao fim de um anno ou mais, começará a andar só.

O uso dos carinhos em que se introduz a creança para apprender a andar é prejudicial, assim como as correias que se usam para o mesmo fim, porque podem ser origem de posições defeituosas.

LAVAGEM E BANHOS

É muito util banhar a creança todos os dias, desde o seu nascimento e, não sendo isto possível, fazer-lhe uma lavagem geral com uma esponja.

A temperatura da agua será de 35 graus durante o primeiro mez e nos mezes seguintes, de 32 graus no inverno e 30 no verão.

Para evitar resfriamentos, ao dar o banho é preciso:

1.º—Que a temperatura da habitação seja de 18 a 20 graus.

2.º—Que estejam bem fechadas as portas e janellas.

3.º—Seccar bem a creança e envolvê-la n'um chale, até ter a reacção.

A duração do banho deverá ser de 4 a 5 minutos e a melhor hora é a do meio dia.

A lavagem da cabeça deve fazer-se diariamente, com agua temperada e sabão de cozinha, utilizando-se uma esponja fina ou algodão hydrophilo. Assim, evitar-se-ão as crostas repugnantes que chamam capote e que testemunham a falta de limpeza das mãos.

Os olhos devem ser lavados todos os dias, durante os primeiros mezes usando-se para isso bolinhas de algodão ensopadas em agua borica com o que se evitarão graves enfermidades que muitas vezes caem em a creança.

AUXILIARES DO GOVERNO



Capm. ELVINO SOBREIRA  
Assistente militar da Presidencia

tada de lado, de preferencia sobre o lado direito. Nunca de costas, porque o mais pequeno vomito a pôde asphixiar.

O berço não deverá ter movimento algum. Será munido de lados para evitar quedas. A traveseira deve ser pouco alta e não muito branda e o seu conteúdo do mesmo modo que o do colchão, não deve ser de lã, mas de crina.

Quanto mais pequena é a creança, mais deve dormir, não só de noite, mas também de dia. Se dorme pouco é porque não está bem.

PASSEIOS E ANDAR

Até serem passados 10 ou 20 dias (segundo

# ESTUDANTES PARAHYBANOS NA BAHIA



CELSO DE MATTOS ROLIM



LUIZ CASTELLIANO

Na Faculdade Medica da Bahia matricularam-se o anno passado no curso medico os jovens parahybanos, Janduhy Carneiro, de Pombal; Flavio Marója Filho, da capital; Luiz Castelliano, de Patos; Lourival de Queiroz Mello, de Taperoá; Waldimir de Miranda, de Guarabira; Celso de Mattos Rolim, de Cajazeiras.

Todos esses moços, que fizeram no Lyceu Parahybano o seu curso de hu-

manidades, continuam a sua tradição de estudiosos e applicados naquella escola superior, onde se aprestam para as victorias da profissão abraçada, cultivando e accentuando, dia a dia, os seus dotes intellectuaes.

Nesse momento de cogitações sanitarias, em que o paiz se capacita de seus destinos por uma directa consulta ás forças phisicas da nação, a



WALDEMIR DE MIRANDA



FLAVIO MAROJA FILHO



LOURIVAL DE QUEIROZ MELLO



JANDUHY CARNEIRO

carreira medica é a que melhores ensanchas offerece ás affirmações lucrativas da personalidade.

Ilustramos esta pagina com os *clichés* daquelles futuros medicos, em cuja conducta exemplar, fóra do regaço da familia e do berço patrio, a Parahyba se revê, desvanecidamente, enviando aos filhos bem amados os estimulos do seu amor e da sua sympathia.

## EM TORNO DE UM SONETO

Quem ama a poesia, quem a sente junto a si, como uma doce visão, tal qual a percebeu o magnado poeta da *Virgem louca*, não poderá occultar a suave emoção que lhe fica n'alma, ao ler o formosíssimo soueto—*Natalicio*—de Americo Falcão, publicado em fevereiro do anno vigente. De mim digo que ainda não li cousa que tanto me evocasse as sombras do passado.

Toda recordação de um lar que findou, de um tempo em que se viveu de riso e de sonho; toda nostalgia travosa de um coração que aprendeu a sentir e amar em outro poiso que o d'agora; toda lembrança feliz daquellas santas creaturas que revivem, como a arvore que tombou, na perpetuidade das sementes; tudo, em fim, que é «doce e amargo», como diz Garrett, se encontra, de um modo inexplicavel, nestes quatorze versos:

Onze de fevereiro. Anno de oitenta,  
Nasci. Quanto prazer no velho abrigo  
Da praia de Lucena, o berço antigo,  
Onde em fiôres de espuma o mar rebenta.

Quando nasci, nasceu também commigo  
A nostalgia suave que me alenta,  
Essa illusão que a natureza inventa  
Que chamam de pezar e que eu bendigo.

Beijo de minha mãe! Beijo primeiro!  
Na voz da aura marinha inda te escuto  
E hei de levar-te ao poiso derradeiro!

Sorriso de meu pae! Sol de outra plaga!  
Doiras ainda o derradeiro fructo  
Do teu sagrado amor que não se apaga!

Sempre conheci a Americo Falcão, em tempos que já vão longe, como um romantico, um lyrico saudoso, que aprendeu a cantar e gemer com as ondas rumorosas que se quebram ao beijar as areias de neve de sua formosa praia de Lucena. Sem a preocupação de escolas e nem mesmo de fórma, que tanto martyrizava os que têm a idéa fixa de emergir á tona desse grande oceano—o anônimo—sempre procurou cantar os melhores sentimentos do seu espirito de eleito, despertados pela saudade que, em um momento, faz viver tantos annos já vividos. Esses mesmos sentimentos que o coração humano experimenta, imagens vivas que se formam no nosso eu, poucos os sabem traduzir com as mesmas fórmas da impressão recebida. Pintar as idéas, dar-lhes o tom, a suavidade dos traços com que se fixaram em nossa mente, é onde está o maior segredo de se penetrar a alma de outrem.

Americo Falcão tem, para mim, a gamma dessa grande virtude, esse não sei quê, esse tie de mysterioso e impalpavel que chega primeiro ao coração de uns do que de outros.

E, por isso me sabe bem a mim, o que para muitos, talvez só seja amargo e triste:

«Quando eu nasci, nasceu também commigo  
A nostalgia suave que me alenta,  
Essa illusão que a natureza inventa  
Que chamam de prazer e que eu bendigo.»

*Vates nascuntur*, bem o disse o grande épico mantuano. E, de facto, ninguém mais do que esses grandes confidentes das Musas, apesar dos parais, das syrtes que se lhes antolham na accidentada jornada da existencia, sabe melhor acertar com o caminho do coração. Todos os sentimentos que passam por esse grande mundo, que pulsa dentro do pequeno macho-

## SOCIAES



Senhorinha LUCIA CARVALHO

nismo humano, têm, no poeta, o seu melhor interprete ou, por outra, o seu melhor psychologo. E nem podia deixar de ser assim, uma vez que, para elle, além de real, transpando o dominio das cousas sensiveis, acima do ponto em que a sciencia positiva sentou o marco dos seus limites, se estende ainda aquella vasta região do ideal povoada de sonhos e mysterios, grande mundo que vaga e palpita, com fórmas diversas e aspectos varios, ora em cotuscões de sóes, ora em pestanejos de estrellas, além, muito acima das cousas tangiveis, cuja entrada só transpõem os loucos privilegiados de possantes remigios que zombam de Icaro, afrontando o sol com asas de cera.

Foi por essas invias alturas que Cruz e Souza lobrigou os olhos dos sonhos:

«Ah! quem jamais penetrará naquelles  
Olhos estranhos dos eternos sonhos!»

E Americo Falcão também chegou até lá, quando sentidamente exclama:

«Sorriso de meu pae! Sol de outra plaga!»

E serão todos os que dão noticia dessa *outra plaga*, do sol que a doira e aclara, com desconhecidos encantos e sensações faes que a espiritos communs não é dado perceber? E Da Costa e Silva, e inimitavel sonhador da *Escalada*, de lá, dessas alturas que a sua phantasia deu uma feição propria de seu temperamento, sempre insatisfeito com o rastejar da vida communi, mostra-nos por onde vagueia o seu pensamento alado, em busca do desconhecido:

«O espirito a pairar além dos astros,  
Em meio da escalada indefinida,  
Vê os aspectos multiplos da vida  
Baxos, distantes, quasi que de rastros...»

Ou ainda:

«Tudo eu contemplo, emfim desta cunhencia  
Que a luz do meu espirito domina,  
Que eu já nem sei si é humana ou si é divina  
Esta febre perpetua de ascendencia.»

Bem poucos são os ousados viajores que vão ter a esses grandes mundos, que rolam «além dos outros», e tanto menos quanto se quer circumscrever a poesia dentro do ambito estreito das cousas reaes ou meramente positivas, como fazem os que, forçadamente, imperradamente, se adstringem ou amarram o pensamento ás exigencias de uma dada escola. O ideal não se comprime entre os dedos, como o infinito não se limita. Sem o ideal, pôde haver versos, mas não ha poesia.

Por isso, sejam outros symbolistas, scientificos, parnasianos ou realistas, ou de quejandas denominações escolásticas, subam e imitem a Bilac, a Alberto de Oliveira, arremedem a Martins Junior, e rasteiem, de longe, a Augusto dos Anjos, sem jamais o attingir, na sua feição característica de neologista do pensamento, e deixem-me ficar com Americo Falcão, o saudoso e doce cantor das arcias brancas, das praias de neve, do primeiro beijo materno, a ouvir, na canção nostalgica das ondas, a voz augusta do passado que lhe pinta, ao vivo, os primeiros bruxuleios da sua vida infantil, ao lado de Luiz Guimarães, Casimiro Gottard e poucos outros que têm muito de Lamartine e muito mais de Musset. E fico me muito bem, porque as variedades, as subitas mutações dos campos, das aguas, dos bosques, das aves, dos animaes selvaticos do meu sertão, me pozeram n'alma alguma cousa de vago e triste, de saudoso e melancolico, de mysterioso e incomprehendido, como a mata, o rio, o lago, o canto das aves. *U' PUNTO PUNTOU EU NUNCA, QUANDO MULHER, TODOS OS DIAS, ANTE AS MARAVILHAS DO*

supremo Creador, ao risonho rebentar da aurora e á agonia lenta do sol.

E, aquí, por esta estrada, não anda o amor aviltrado dos materiaes, a hypocrisia dos locu-vaminheiros, e menos o estro lamacento dos que turbam as límpidissimas aguas de Castalia. Não. Vista-se de luz e neve, e suba . . . suba . . .

mais, ainda, quem quizer, como Americo Fallão, escutar «na voz da aura marinha», o som do primeiro beijo materno, ou, como Cruz e Souza, «penetrar naquelles olhos estranhos dos eternos sonhos».

P. M. OCTAVIANO

Piancó—5—21.

## Viagens em torno de mim mesmo

Esta minha viagem é o que se chama, em estylo de Semana Santa, uma *via dolorosa*. E' —porque não hei-de empregar também uma phrase latina?— uma *via crucis*. Por um triz, não escrevi *via lactea* . . .

Abstracção do genio e mysterios do Lacio! . . .

Fiquei, num abrir e fechar de olhos, reduzido á mais deploravel condição humana. Nem cego, nem coxo, nem maneta, mas numa situação moral (leia-se immoral) que correspondia a todos aleijões phisicos. Era um homem sem dinheiro, ou mais propriamente, sem vintém.

Sem dinheiro na caixa, mas com amigos na praça. Ora bem! Mas eu não conhecia o *trac* commercial de movimentar o crédito, isto é, a arte de simular capital, a profissão de pedir emprestado.

Vi-me, pois, em serios enbaraços para tentar, pela primeira vez, essa empresa manhosa. Não sabia se devia sair bem ou mal vestido, se devia apparecer com a cara alegre ou triste, se devia falar depressa ou devagar, afinal, os segredos de entrar licitamente nos cobres alheios.

Mas, fui. Foi o Mendes quem me mereceu a primeira visita. Elle tem, ás vezes, um riso promettedor e uns bellos dentes que não pretendem trincar as economias do proximo. Não sei com que semblante transpuz sua soleira; lembro-me, apenas, que ao avistar-me, elle perguntou-me que desgraça havia acontecido. Compreendi, então, a minha *rata*: eu devera ter ido de automovel (o *cl. auffeur* que aguardasse os acontecimentos) com um *commercial* no bico e o fraque do casamento. Devera tel-o recebido com um *ooo hhh* e duas palmadinhas nas *crucis*.

Tinha perdido a partida, por causa do meu ar de melancolia aguda, duas hypotheses que complicam muito a liquidação das dividas.

O facto é que, quando liguei no assumpto (antes dissesse *quando dei um ponta pé no assumpto*), elle entrou a falar na casa que está construindo na *Avenida dos Portões* . . . um anno de serviço . . . um despesão . . . o material, nem lhe digo . . .

Estive a ponto de offerecer-lhe os 200 rs. que destinara para a volta no bonde, em caso de fracasso.

Não! não voltei para casa. Mas, não voltei com medo de minha mulher que, como eu não tivesse os 58000 do mercado, me passava em rosto todos os meus desperdícios do dia

anterior, *v. g.* a entrada do *Popular* para ver o *Jardim da Tentação* . . .

Apenas isso.

Botei-me para casa do dr. Chico Trindade, fiado no colleguismo e no seu nome, isto é, no Padre, no Filho e no Espirito Santo.

Comecei por um desastre. Como sou myope nesses momentos, não vi que a cadeira estava furada e com um pé quebrado e, ao sentar-me,

mortaes e para minha *via dolorosa* só faltava a cadeira.

O banco! Sim, o banco, o *refugium quebradorum*! Entre o dr. Mario e d. Lencastre, recorri ao primeiro, ainda por uma razão de colleguismo. Quem fôr *dom* ou *dona* recorra ao segundo, onde puder encontrá-lo.

Achei muito boa vontade: «Sim, senhor . . . não ha duvida . . . aqui estamos . . . mas traga fiança de duas casas commerciaes . . . taes e taes».

Hom'essa! Está visto que quem póde o mais póde o menos: se eu merecesse essa confiança de F. H. Vergára e . . . (nem me lembro da outra), não precisaria de dinheiro: compraria fiado xarque, leite condensado, farinha de S. Catharina, feijão do Rio Grande, embora ficasse sem pão e sem verdura.

Resta-me o Montepio. Dizem que é o melhor banco da terra. Ha até quem lhe tome emprestado para emprestar.

A quantia estava á minha disposição, mas



ARREDORES DA CAPITAL — Pittoresca paisagem do Engenho da Graça.

pá, dei com o assento no tapete. Lembro-me, agora, que não havia tapete: foi no tijolo. Não, também não foi no tijolo: foi num buraco, onde, outr'ora, houve ladrilho.

Achei o gordo, bochechudo! O homem se trata!

Fui direito ao fim, quero dizer ao principio de minha pretensão. Pois, ainda bem não tinha eu principiado, elle passou a explicar-me os seus prejuizos nas fallencias. Tinha depositos em todas as casas . . . fallidas e negavam-lhe até a qualidade de credor *privilegiado* . . .

Disse que só não *quebrara* a cara desses sujeitos porque a coisa mais feia do mundo era *quebrar*, principalmente quando não se é propriamente *commerciante* . . .

Sahi grunindo e, se não me engano, elle ainda não chegou á peroração desse discurso sobre fallencias e creditos simulados . . .

Lembrei-me de Sá Pereira.

Mas, naquella idade, os traumatismos são

era preciso que eu fôsse funcionario publico. Arranjasse um emprego e voltasse, querendo.

Foi mesmo que collocar uma montanha adiante da outra . . . montanha.

Uma collocação! Dizem que é mais facil encontrar uma alliança perdida no mar.

Mas, como a gente vive de esperanças, vou telegraphar ao velho Venancio (é assim que o trato na ausencia) para ver se, daqui para o fim do quadriennio, conseguirei o emprego e, consequentemente, o emprestimo.

*Se nós viva fôr*—dir-me-á a familia de dez filhos, inclusive os da criada.

X. DEMESTRE

### “CLUB DO REMO”

No proximo numero estamparemos diversas photographias relativas a essa prestigiosa agremiação

# RUY BARBOSA

## O briaréo da palavra falada e escripta

Eis ao que vem o padrinho, o velho, abengoador, carregado de annos e tradições, versado nas longas lições do tempo, mestre da humildade, arrependimento e desconfiança, nullo entre os grandes da intelligencia, grande entre os experimentados na fraqueza humana. Que se feche, pois, alguns momentos o livro da sciencia; e folheemos juntos o da experiencia. Desallivemo-nos do saber humano, carga formidavel, e voltemos uma hora para este outro, leve, comestinho, desalinhado, conversavel, seguro, sem attitudes, nem despenha-deiros.

Não ha nada mais tragico do que a fatalidade inexoravel deste destino, cuja rapidez ainda lhe agrava a severidade.

Em tão breve trajecto cada um ha de acabar a sua tarefa. Com que elementos? Com os que herdou, e os que cria. Aquelles são a parte da natureza. Estes, a do trabalho.

A parte da natureza varia ao infinito. Não ha, no universo, duas coisas eguaes. Muitas se parecem umas ás outras. Mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só arvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as gottas do mesmo

tra a civilização e a humanidade, é a philosophia da miseria, proclamada em nome dos direitos do trabalho; e executada, não faria, senão inaugurar, em vez da supremacia do trabalho a organização da miseria.

Mas, se a sociedade não pôde egualar os que a natureza criou deseguaes, cada um, nos limites da sua energia moral, pôde reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, actividade e perseverança. Tal a missão do trabalho.

Os portentos, de que esta força é capaz, ninguém os calcula. Suas victorias na reconstituição da creatura mal dotada só se comparam ás da oração.

### A ORAÇÃO DO TRABALHO

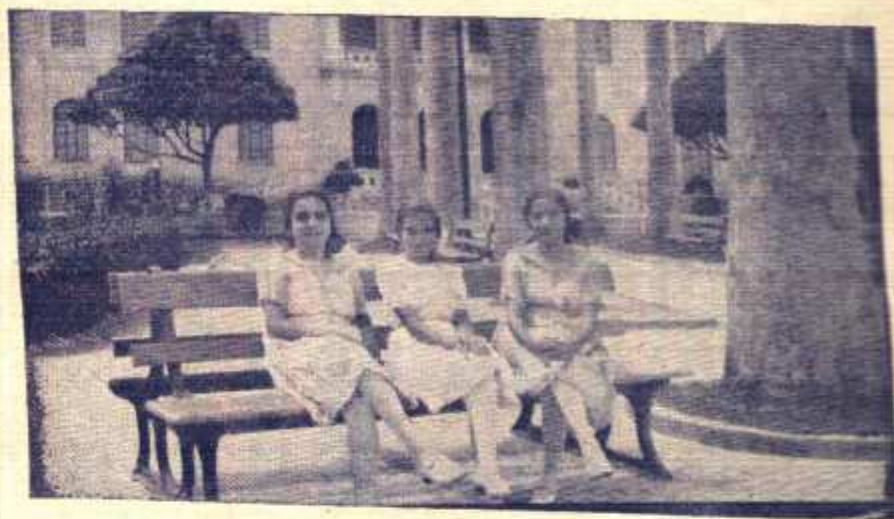
Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o intimo sublimar-se d'alma pelo contacto com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espirito, mediante a acção continua sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos.

O individuo que trabalha acerca-se continuamente do auctor de todas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende também a delle. O Creator começa e a creatura acaba a criação de si propria.

Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor. Oração pelos actos, ella emparelha com a oração pelo culto. Nem pôde ser que uma ande verdadeiramente sem a outra. Não é trabalho digno de tal nome o do mão; porque a malicia do trabalhador o contamina. Não é oração aceitavel a do ocioso; porque a ociosidade a dessagra. Mas, quando o trabalho se junta á oração, e a oração com o trabalho, a segunda criação do homem, a criação do homem pelo homem, remelha ás vezes, em maravilhas, a criação do homem pelo divino criador.

### PERSISTIR E ESPERAR

Ninguém desanime, pois, de que o berço lhe não fosse generoso, ninguém se creia mal-fadado, por lhe minguaem de nascença haveres e qualidades. Em tudo isso não ha surpresas, que se não possam esperar da tenacidade e santidade do trabalho. Quem não conhece a historia do padre Suarez, o auctor do tratado «Das Leis e de Deus Legislador», «De Legibus ac Deo Legislatore», monumento juridico, a que os trezentos annos de sua idade ainda não gastaram o primeiro de honra das letras castelhanas? De cincuenta aspirantes,



INSTANTANEO — No Jardim Publico

### A LEI DA EGUALDADE

Ninguém, senhores meus, que emprehenda uma jornada extraordinaria, primeiro que metta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças, por saber se o levarão ao cabo. Mas, na grande viagem, na viagem de transito por este mundo, não ha «possa, ou não possa», não ha querer ou não querer. A vida tem mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento; outra de sair, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar á entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir á sahida. E, de um ao outro extremo, vae o caminho, longo, ou breve, ninguém o sabe, entre cujos termos fataes se debate o homem, pesaroso de que entrasse, receioso da hora em que saia, captivo de um e outro mysterio, que lhe confirmam a passagem terrestre.

fluido, os argueiros do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estellar. Tudo assim, desde os astros no céu, até os microbios no sangue, desde as nebulosas no espaço, até aos aljofares do rocio na relva dos prados.

A regra da egualdade não consiste senão em quinhoar desegualmente os deseguaes, na medida em que se desegualam. Nesta desegualdade social, proporcionada á desegualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da egualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho, ou da loucura. Tratar com desegualdade a eguaes ou deseguaes com egualdade, seria desegualdade flagrante, e não egualdade real. Os appetites humanos conceberam inverter a norma universal da criação, pretendendo não dar a cada um na razão do que vale, mas attribuir o mesmo a todos, como se todos se equivallessem.

Esta blasphemia contra a razão e a fé, con-



que, em 1564, solicitaram, em Salamanca, ingresso á Companhia de Jesus, esse foi o unico rejeitado, por curto de entendimento e revêso ao ensino. Admittido, todavia, a insistencia sua, com a nota de «indifferente», embora primasse entre os mais applicados, tudo lhe eram, no estudo, espessas trevas. Não avançava um passo. Afinal, por consenso de todos, passava por invencivel a sua incapacidade. Confessou-a, por fim, elle mesmo, requerendo ao reitor, o celebre Padre Martin Gutierrez, que o desassasse da vida escolar, e o entregasse aos mysteres corporaes do irmão coadjutor, Gutierrez animou-o a orar, persistir e esperar. De repente se lhe alagou de claridade a intelligencia. Mergulhou-se, então, cada vez mais, no estudo; e dahi, com estupenda mudança, começa a deixar ver o a que era destinada aquella extraordinaria cabeça, até esse tempo submersa em densa escuridade.

Já é mestre insigne, já encarna todo o saber da renascença theologica, em que brilham as letras de Hespanha. Successivamente illustra as cadeiras de philosophia, theologia e canones nas mais famosas universidades europeas: em Segovia, em Valladolid, em Roma, em Alcalá, em Salamanca, em Avila, em Coimbra. Nos seus setenta annos de vida professa as sciencias theologicas durante quarenta e sete, escreve cerca de duzentos volumes, e morre comparado com Santo Agostinho e São

Thomaz, abaixo de quem houve quem o considerasse «o maior engenho, que tem tido a Igreja» (2); sendo tal a sua nomeada, ainda entre os protestantes, que desde jesuita, como theologo e philosopho, chegou a dizer Orocio \*que «apenas havia quem o equalasse».

Já vêdes que ao trabalho nada é impossivel. Delle não ha extremos, que não sejam de esperar. Com elle nada pôde haver, de que desesperar.

Nas do seculo XVI ao seculo XX o que as sciencias cresceram é incommensuravel. Entre o curricula da theologia e philosophia no primeiro, e o programma de um curso juridico, no segundo, a distancia é infinita. Sobre os mestres, os sabios e os estudantes de agora pesam montanhas e montanhas mais de questões, problemas e estudos, que quantos, ha três ou quatro seculos, se abrangiam no saber humano.

O trabalho, pois, vos ha de bater á porta dia e noite; e nunca vos nequeis ás visitas, se quereis honrar a vossa vocação, e estaes dispostos a cavar nos veios da vossa natureza, até dardes com os thesouros, que ahi vos haja reservado, com animo benigno, a dadivosa Providencia. Ouvistes o aldrabar da mão occulta, que vos chama ao estudo? Abri, abri, sem detença. Nem, por vir muito cedo, lh'o leveis a mal, lh'o tenhaes á conta de importuna.

(Continúa)

## Martim Francisco

Por uma circumstancia toda particular, que deriva das relações desta revista com um dos seus mais illustres collaboradores, o sr. dr. Carlos D. Fernandes, podemos hoje offercer ao nosso publico o cliché do sr. dr. Martim Francisco, advogado de nota nos auditorios do paiz, ex-representante da nação e legitimo e radioo descendente dos Andradas. Espirito forrado da mais selecta e variavel cultura, o eminente jurisculto e letrado realiza o typo



Dr. MARTIM FRANCISCO

## TROVAS DA ROÇA

Não sabê lê faz veigonha,  
Diz os pôvo faladô ...  
Mais pió é sê tapado  
Tendo carta de dotô.

De duas coisa a mais feia  
Progunto aos home do insino  
Se é muié que fala grôço  
Se é freguez falando fino.

Quem açobe numa serra  
Sô pôde açubi caicundo;  
Quem pega a fazê bestêra  
Zomba delle todo mundo.

Todos rapaz diz lorota,  
Todas cabra tem cabrito,  
Todas paimêra tem paia,  
Todas moça faniquito.

Sempre dixerô os antigo  
Qui é regra de não faiz:  
Moça triste, suspirando,  
Tá arrancando p'ra casa.

Me aconsejava meu tio  
Quelemente Niculan:  
Quem se mette im todo samba  
Um dia apanha de paz!

Baibulêta avôa, avôa,  
Sentando im toda fulô ...  
Como faz a baibulêta  
Faz o rapax seductô.

E' muito inzato, agaranto,  
Apois sempre vi dizê:  
Muié, dinhêro e cachaça  
Faz o nêgo indoidecê!

ERCAN

consummado do intellectual, que vive pelas idéas e para as idéas. Nas multiplas facetas do seu talento não sabemos qual a mais refulgente: se a da originalidade, e do saber historico, a da sciencia vernacula, a da illustração juridica ou a individualissima do humorismo que tanto distinguem os lavores desse polygrapho. O sr. dr. Martim Francisco não timbra, porque isso redundaria em esforços, mais é? naturalmente facecioso, já se vê que escondendo nessa jocosa apparencia a mais luminosa e consolidada sabedoria. A ERA NOVA vem prestar as suas reverencias a essa inconfundivel personalidade, que tanto tem sabido honrar, elevar e engrandecer os invejaveis titulos da sua prosapia.

Fabricação de OBRAS DE TARTARUGA  
Pentes, grampos, oculos, pulseiras, chata-  
telaines, facas para cortar papel, anneis, etc.

ATELIER DE  
**J. OLYNTHO PEDROSA**  
CAIXA POSTAL, 107.

DOURAGEM E PRATEAÇÃO de metaes.  
Serviço perfeito, por meio de electricidade.  
Rua 13 de Maio, 662. — PARAHYBA

## Claudio Caminha

Quando foi inaugurado na Parahyba o serviço de luz electrica, começaram a apparecer, mal percebidos, nas columnas ineditorias d' "O Norte", uns versos sem arte, brigando com a grammatica e com a metrica, tendo por baixo, á guisa de pseudonymo, invariavelmente um *Caminhando* . . . Era vezes *Caminhando ás escuras*, vezes *Caminhando sem luz*, mas caminhando sempre.

Claudio Caminha, que até então ganhava aqui a vida installando e vendendo aparelhos para illuminação a acetylene, viu-se, da noite

que, se prestasse o conteúdo, lhe desse a honra de o publicar.

Com o faro apurado em alto grão para os talentos e as vocações, Dantas, longe de desdenhar do neoliterato, já consagrado menestrel, ruminou, linha a linha, a produção de Caminha, deferindo-lhe o peido com um "deixe" . . .

O homem quasi estoura de contente, e a alegria por pouco não o fulminou no dia seguinte, á realidade do seu arrojado sonho de escriptor: o trabalho estava em bom lugar da folha, como nome do auctor em caixa alta.

Eram impressões de uma accidentada viagem

De uma feita Caminha foi apontado como tendo extrahido do pateo de certo engenho velho das varzenas do Parahyba, uma botija recheada de moedas de ouro, que a lenda dava como enterrada ao tempo da revolução de 17. O dono da fazenda, quando defrontou com os vestigios de que alli andara gente de picareta, enxada e ferro de cova, jurou que o *thesouro* havia sido arrancado a supplicas da alma penada de um seu antepassado; e, sem mais cogitações, fez absoluta fé nos boatos que fervilharam em torno ao nome de Caminha.

Da terrivel suspeita resultou ao poeta uma serie de atribulações, por cima da decepção de uma noite arriscada em busca daquillo que só existia na imaginação dos ingenuos moradores da fazenda. Mas, em compensação teve azo de traçar uma das suas melhores chronicas, em que a figura do plantador de canna foi satyridada a valer.

Entre 1917 e 19 Caminha deambulou de villa em villa, de povoado em povoado, com um carrocel barato. Onde havia uma festa religiosa por esses brejos em fóra, ahí estava Caminha rodando os seus cavallos de pau, á musica de um roufenho e monótono realejo. Não lhe correu bem o negocio; eram muitos os carroccies por toda a parte. Deixou.

Urgia-lhe outro meio de vida honesto, também ambulante, e este, por um milagre de seu maravilhoso eugenho, o encontrou elle, mais rendoso, aliás, do que a roda de cavallinhos para o encarapitar de marmanjos e peizes a 300 reis a cabeça.

Na ultima festa das Neves Claudio inaugurou no pateo da Cathedral um divertimento inedito de surprehenden e efeito: um grupo de calungas a que deu o titulo pomposo de *Maestros do interior*.

Por meio de uma perfeita combinação de fios de arame, Claudio conseguiu dar nervos, movimento e expressão á calungada completa; de sorte que, ao mesmo passo, todos se agitavam, uns tocando rabeca, piston e viola, outros bailando e fumando. O ritmo transmitia-o a figura principal do conjuncto, um rebarbativo chefe de orchestra, de bailuta na mão e oculos acavallados.

Estupenda invenção essa que vae proporcionando um humilde ganh-pão ao apreciado e modesto escriptor popular, a quem minguará os risos da fortuna para uma vida melhor.

De Caminha não se tem noticia ha muito tempo; mas a festa das Neves á porta, arrastalo-á fatalmente até nós, com a sua collecção de artistas de taboca e folha de flandres.

ROCHA BARRETO



JARDIM PUBLICO

para o dia, afastado irremediavelmente do seu negocio e da sua profissão.

Magoado com dureza nos seus interesses, e na impossibilidade material de oppôr o carburato á invasão triumphante da electricidade, encontrou um desabafo na rima, afinetando em successivas edições daquelle malutino, com a sua satyra espontanea e mordente, a empresa de Tracção, Luz e Força.

Foram as primicias da capacidade intellectiva de Caminha os versos que lhe inspirou a luz do sr. Juan, vae para quasi uma decada.

Animara-se pela acolhida dos primeiros fructos de sua *vis* poetica, e radiante por vê-los em letra de fórmula alinhados na segunda ou terceira pagina d' "O Norte", arriscou, embora com a sua cultura mesquinha, um trabalhoso em prosa. Outros não se fizeram assim, como elle, em luta com a propria timidez, num esforço persistente até vencer? Era tentar.

Ribeiro Dantas, que a esse tempo dirigia "O Norte", foi uma tarde surprehendido pelo Caminha em pessoa, que lhe estendeu a mão com onze tiras garatujadas, supplicando elle

pelo interior do Estado, vasadas com esfusante graça e referias de minucias. Seguiram-se outras publicações do mesmo feitio, revelando-se Caminha em todas ellas um raro observador de cousas, seguro psychologo e apreciavel humorista.

Dentro em pouco, aos estímulos generosos do Dantas, que lhe corrigia, com uma paciencia benedictina, todos os artigos, Caminha logrou verdadeira popularidade como literato das massas. Os seus escriptos, sempre temperados pelo sal delicioso da verve, eram lidos com inexprimivel satisfação por gente da cidade e do interior.

Mallogrado em diversas actividades e afeito ao convivio de individuos de toda casta, por força das profissões de negociante, agricultor, mechanico, hoteleiro e outras, tem Caminha de experiencia um largo cabedal para o trato dos assumptos de sua predilecção.

Dahi a facilidade com que descobre logo a fraqueza, os sestros e as tendencias dos individuos que lhe caem no bico da penna, caricaturando-os, todos, do fundo da alma ao yello, sem faltar um traço.

A cidade de S. Pedro, nas Antilhas francezas, foi destruida por uma erupção da montanha Pelée e não foi reconstruida. Faz lembrar Pompeia. Apesar da vigilancia da policia, têm sido tirados das ruinas objectos de valor inestimavel.

## NOTAS SOCIAES

## NASCIMENTOS:

A dois do fluente, occorreu, em Alagôas Grande, o nascimento da graciosa menina Yole, filha do sr. Francisco A. Cavalcante de Albuquerque e de sua exma. consorte mme. Carmozina Montezuma Cavalcante.

## ANNIVERSARIOS:

Fez annos hontem:—Cel. João Honorato, socio da firma Pereira Almeida & C., desta praça.

Hoje—Mademoiselle Inah Montenegro filha do dr. Idalino Montenegro, promotor publico em Misericordia.

Amanhã:—Dr. Eduardo Pinto, ex-director da Instrucção Publica deste Estado.

—Decorreu no dia 2 deste a data anniversaria de mademoiselle Cleonice Lucena, prezada irmã do exmo. sr. dr. Solon de Lucena benemerito chefe do govêrno.

Por esse motivo a distincta anniversariante teve oportunidade de receber felicitações de suas innumeradas amigas.

Era Nova, embora tarde, tem o prazer de lhe endereçar parabens.

Dia 12—A gentil mlle. Maria do Carmo y Plá, sobrinha do dr. Carlos C. de Albuquerque, secretario do Superior Tribunal de Justiça do Estado.

Dia 17—Academico Antonio d'Avila Lins, actualmente no Rio de Janeiro.

—Mademoiselle Maria do Carmo Caçador, elemento de escol na sociedade parahybana.

Dia 18—Dr. Lima Filho, nosso ex confrade de imprensa e reputado clinico patriótico.

Dia 19—O interessante menino Giovanni, filhinho do sr. Raul Poscano de Brito, funcionario federal neste Estado.

—Cel. Neophito Bonavides, do commercio desta praça.

Dia 19—A prendada mlle Amelinia Vidal, filha dilecta do jornalista Assis Vidal e distincta alumna do 3.º anno da Escola Normal.

—A gentil senhorinha Maria de Lourdes Monteiro

—Dr. Gouveia Nobrega, digno juiz substituto federal da secção deste Estado.

Dia 23—Academico Agrippino Nobrega, auxiliar de nossa confrade «A União».

Dia 24—D. Beatriz Amorim, virtuosa consorte do sr. Severino Amorim, honrado chefe da firma Vieira Amorim & C. desta praça.

Dia 26—Mlle. Ambrozina Lyra; prezada filha do senador riograndense João de Lyra Tavares.

## VIAJANTES:

Deve embarcar se hoje no horario de 1 e 20 para a cidade de Bananeiras o distincto moço Arnaldo Guimarães, alli residente.

S. S. esteve entre nós a passeio, sendo hospede do seu digno irmão S. Guimarães Sobrinho, director desta revista.

O morcego absorve e digere numa noite, três vezes o peso do seu corpo.

## OS MORTOS

No dia 8 do corrente, falleceu nesta capital, à rua Epitacio Pessoa, o distincto moço academico Manfredo Velloso, adeantado fazendeiro no interior do Estado e filho do cel. Anísio Velloso Borges, proprietario no Pilar.

O inditoso joven era muitissimo estimado na sociedade parahybana, fruindo geraes sympathias pelas suas nobres qualidades de caracter e intelligencia, tendo por este motivo o seu trespasse consternado profundamente o os recursos medicos empregados.

O seu enterramento effectou-se á tarde do mesmo dia, no Cemiterio do Senhor da Boa Sentença, com um acompanhamento vultoso de amigos e parentes.

Registrando esse infausto acontecimento, que veio enlutar uma das mais importantes familias parahybanas, condolenciamos a todos os membros da familia do morto, especialmente ao seus dignos irmãos dr. Velloso Borges e Jocelyn Velloso.

PARA IMPEDIR QUE O LEITE SE ALTERE. — Pôde-se fazer que o leite coalhado volte á sua fluidez natural, ajuntando-lhe, enquanto estiver quente, uma colher de leite fresco, no qual se desfaça uma pitada de carbonato de potassa ou bicarbonato.

Esta substancia, que é pouco dispendiosa e se encontra em qualquer pharmacia, não communica ao leite sabor desagradavel.

E' conveniente deitar alguma quantidade dessa substancia no leite antes de o ferver, quando se recciar que elle se altere ou azede, como acontece no verão, durante os grandes calores e especialmente em tempo de trovoadas.

## CATASTROPHES SISMICAS

Desde a mais remota antiguidade, os grandes abalos geologicos têm-se reproduzido com relativa frequencia e os desastres que têm feito são incalculaveis, chegando ás vezes a produzir ver-ladeiras calamidades como as que arrastou Kingstoll, além da de S. Pedro da Martinica.

As catastrophes modernas, porém, têm tido uma frequencia aterradora, pois de anno em anno se vão repetindo, causando inestimaveis estragos.

A série de calamidades, porém, que teremos de presenciar ainda não foi interrompida, com o terremoto que assolou a capital da Jamaica, cuja população desapareceu quasi toda. O phenomeno tellurico tem de percorrer o cyclo que lhe está traçado e que, pelo organo de um astronomo distincto, foi previsto e descoberto nas manchas solares que mostravam o reflexo

da fusão de monstruosos blocos de gelo no polo norte. Esta enorme massa fundida deve produzir efeitos horrosos, como tem produzido, pois, infiltrando-se repentinamente pelas camadas geologicas, alcançará as entranhas da terra e shi, ao choque das correntes e dos gazes em ebulição, terá forçosamente de explodir.

Esta tem sido a causa das catastrophes de que felizmente apenas temos sido espectadores, contristados por tanta desgraça.

Não offerecem maior perigo, entretanto, os vulcões em actividade. Maior violencia fará a explosão sismica nos vulcões extinctos e suas proximidades, pois, naquelles, a area de expansão diminue a acção das correntes que se chocam e entram em lucta.

## Echos de Arte

## Cinema

O cinematographo é uma industria universal.

E' inutil frisar o seu valor como meio de propaganda. A Allemanha comprehendeu e trabalha, hoje, febrilmente.

E' a unica producção que chega, ás vezes, a rivalizar com a americana.



DOROTHY DALTON

Entre as oito fitas consideradas como as melhores, no anno passado, nos Estados Unidos, figura «Mme. Dubarry», da Ufa.

Portanto, toda campanha deve ser a favor da cinematographia brasileira.

Precisamos ter a industria cinematographica.

Tudo mais não nos adiantará. Essa febre de revistas só se justifica se nos trouxer a indústria desejada.

vez do Brasil inteiro. Trabalha actualmente para a «Paramount».



MONROE SALISBURY

MONROE SALISBURY é um nome e uma physionomia populares nos Estados Unidos.

Sua cabeça satânica, que semelha uma escultura gloriosa do heroe da Capella Sixtina, quando gargalha, tem a expressão diabólica de um Mephistopheles.

*O Selvagem*, em seus barbaros caracteristicos, foi a produção que o collocou, em primeiro plano, entre os artistas da tela.

E admirado no Brasil e faz fitas para a Universal.

A. N.

DOROTHY DALTON—A graça e belleza americanas e a elegancia newyorkina revelam-se em Doroty Dalton. «Chispas de Fogo» fizeram-na a estrella mais querida do Rio e tal-

## A veterinaria

Muita gente ignora ainda o que quer dizer veterinaria; outros já ouviram falar, mas desconhecem por completo o seu fim, a sua importancia, a sua nobreza.

O veterinario ainda é conservado afastado do convivio social, ainda é encarado como um homem de intelligencia curta, bruto, enfim um homem talhado para viver no meio dos racionais inferiores; um homem sem educação esmerada.

Mas, qual a causa primordial?

*A ignorancia.* Se esses que por terem uma tintura das coisas inúteis pudessem ainda por cima reconhecer a sua inutilidade, e procurassem corrigir o erro em que ha annos elaboraram, estudando com attenção as coisas sensatas e criteriosas, a veterinaria e seus profissionaes seriam melhor accetos e encarados sob outro ponto de vista.

O espirito rotineiro de nossos velhos paes contribue em grande parte para este estado de coisas; educam seus filhos encaminhando-os para a fideia interminavel dos doutores

e desprezam as profissões liberaes como a agronomia e a veterinaria.

Mais tarde, esses moços, forçados pelas circumstancias, abandonam a carreira inicialmente abraçada por um logarsinho de amanuente dos correios ou fiscal de clubs de relógios, por sorteio . . . . .

E' triste vermos a quantidade fantastica de moços intelligentes que tem o Brasil se deixar levar por esta influencia, que tanto mal nos tem causado.

Actualmente o Brasil precisa é de agronomos, de veterinarios, mechanicos, etc. para que o braço estrangeiro naturalizado não venha arrancar de nós, brasileiros, a preferencia; os actuaes veterinarios brasileiros não devem enfraquecer, pois a lucta do futuro será a lucta da competencia.

O veterinario moderno é um perfeito scientista, aquelle que não abraçar com dedicação o seu estudo nada fará na vida pratica. No seu exercicio o veterinario é que diz sentir o animal esta ou aquella dôr, ter esta ou aquella manifestação morbida; na medicina humana é o doente quem dá essas informações,

orientando assim o diagnostico e facilitando-o.

Assim, que quantidade enorme de conhecimentos precisa o veterinario para que sua acção seja efficaz !.

A physiologia, a anatomia, a microbiologia, a physica e mechanica no estudo das molestias do apparelho locomotor, etc; são as armas da veterinaria para fazer luz, sobre o campo de sua acção clinica; completam a pathologia especial e referente a cada especie animal etc.

Porque então considerar ainda o veterinario como obscuro, como um homem de cerebro embrutecido, como um rebaixado perante nossos semelhantes?

Não ha razão. Assim o digam aquelles que têm o que communmente chamamos—senso commun—mesmo um pouquinho.

A imprensa, que orienta a opinião dos que não têm independencia no modo de pensar, prestaria inestimavel serviço, fazendo propaganda — mostrando o ponto de vista pratico pelo qual a nossa mocidade deve guiar seus passos.

O nosso governo já veu sobremodo elevando o nome deste ramo da medicina — não menos facil que o outro.

Mas . . . . . não tem preenchido os cargos que devem ser exercidos por veterinarios, porque não temos veterinarios em numero sufficiente; porque nossos moços não querem occupar esses cargos estudando para occupal-os.

Ainda é diminuto o numero dos que abraçam a veterinaria, ainda é pequeno o numero de independentes de idéas.

Porque continuarmos nesse caminho? Nosso paes que abandonem seus preconceitos infundados, nossos moços que abandonem de uma vez a vergonha que têm em dizer ás moças que são veterinarios, e veremos surgir estes obreiros modestos mas de muita utilidade, collaborando para a nossa independencia economica, por nós tão desejada.

SILVIO TORRES

## Caixa da "Era Nova"

*Dr. H. de F. (Serraria) Major J. O. (Itabayana.)—Vigario (Cabaceiras) Dr A. N. (S. Rita—Conforme seus desejos, sustámos a remessa desta revista para vs. s.s.*

*Correspondente (Catolé do Rocha) de posse de seu telegramma, scientes. Gratos.*

*Correspondente (Patos) Providenciámos sobre a remessa da revista para os novos assignantes.*

*Correspondente (S. José de Piranhas). Recebemos as vistas, que brevemente serão estampadas.*

*Correspondente (Picuhy) A sua correspondencia será inserida no proximo numero,*

# E' NA ALFAIATARIA GRIZA

á rua MACIEL PINHEIRO, 184. (sobrado)



Completo sortimento de artigos para homens

que a elite parahybana deve vestir-se. — Os melhores  
TECIDOS INGLEZES garantidos.

Executam-se todos os trabalhos COM PERFEIÇÃO e os seus freguezes tornam-se seus amigos.

Tem completo sortimento de Camisas, Cuecas, Pyjamas, Collarinhos, Gravatas, Meias e Perfumarias.

**Domingos Griza & C.**

Parahyba do Norte

## CASA KODAK

Artigos para Photographia, Machinas, Cartões, Chapas, Drogas e Papeis.

*A photographia está a mão de todos, até creanças pôdem hoje, com as machinas novas, tirar retratos, e manipular chapas e films.*

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

A cousa mais agradável para os parentes possuir retratos de seus filhos desde primeira infancia.

A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de todos os Films e Chapas por preços modicos.

CAIXA POSTAL - 19  
RUA MACIEL PINHEIRO N. 29  
PARAHYBA DO NORTE

## GUERRA & GUSMÃO

Fabrica S. FRANCISCO

COUROS, CARNEIRAS, PELLICAS E SOLAS.

Ladeira de S. Francisco 53

PARAHYBA

**COLOMBO**

Fabrica de camisas, ceroulas, collarinhos e pyjames — Artigos para homens.

**MARINHO & MOURA**

DEPOSITO — CASA COLOMBO

FABRICA

RUA: MACIEL PINHEIRO, 205.

BARÃO DO TRIUMPHO, 450.

End. telegrap. "COLOMBO" — Parahyba

**G. PETRUCCI & C.<sup>A</sup>**

Artigos electricos  
Automoveis e  
seus pertences

Rua Maciel Pinheiro n. 198

CAIXA POSTAL 71

**PARAHYBA**

**RETRATOS**

ARTE NOVA

2\$000 a duzia

Na "PHOTO-COLOMBO"

BECO DO ROSARIO

PARAHYBA DO NORTE

**PARQUE HOTEL**

DE LUIZ PERGENTINO & NEVES

Rua Barão da Passagem n. 63.

Completo sortimento de bebidas nacionais e estrangeiras

Refeições a qualquer hora do dia ou da noite

Accommodações a vontade do mais exigente freguez

Vendas a dinheiro ■ Telefone n. 143 — Parahyba

**MOVEIS**

"CASA NAVARRO"

PARAHYBA DO NORTE

Rua MACIEL PINHEIRO, 123.

**GRANDE EMPORIO**

de chapéus, de todas as qualidades,  
para homens e crianças.

**CASA PENNA**

O melhor sortimento em gravatas,  
collarinhos, meias, camisas  
e perfumes.

Depositaris dos melhores  
fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 — Parahyba

**GONSALVES PENNA & C.<sup>A</sup>**

Livraria, Typographia, Encader-  
nação e Pautação a vapor.

ARTIGOS PARA PRESENTE  
E DESENHO

Objectos para escriptorio

RUA MACIEL PINHEIRO — 193

PARAHYBA DO NORTE

**F. GONSALVES**

FERRAGENS, TINTAS, OLEOS, LOUÇAS, VIDROS, ETC.

RUA MACIEL PINHEIRO, 218. — Parahyba do Norte

**A CAPITAL**

S. BORGES

Rua Maciel Pinheiro-169

GAPRICHOSO SORTIMENTO

DE

Artigos para homens e perfumarias

cores. Tem em grande atenção os processos químicos que usa para a maior conservação dos tecidos.

LAVAGEM DIARIAMENTE

Rua Maciel Pinheiro N. 292

ERA NOVA

**REINOLDO**

VENDAS EM GROSSO

**ATENÇÃO!**

Quem quer tirar a sorte grande?

IDE AO

**MONHO FELIZ**

Endereço tel. "Courinho"

Prédio da Viração, 13.

PARAHYBA

**CASA POPULAR**  
de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miudezas, perfumarias, roupas, etc. - Especialidades em chapéus de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, pianetas, cretones, morins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. - Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.  
Filiais: Rua da Republica ns. 654 e 456.

PARAHYBA DO NORTE

**OURIVESARIA PINHEIRO**

DE  
**JOSÉ PINHEIRO**

OURAÇÃO E PRATEAÇÃO

Nesta casa fabricam-se jóias de ouro e tarataruga, faz-se qualquer pressão em alto e baixo relevo, concerta-se relógios e jóias de toda espécie.

Vende-se material para relojoeiros e ourives; como também aculeta e pedrinha em qualquer grau ou tamanho etc.

RUA DA REPUBLICA N. 792

**TINTURARIA**

e LAVANDERIA LUSITANA de HENRIQUE WYLLER

Executa com perfeição qualquer lavagem de casemiras, flanelas e sedas, usando processos em seco para os tecidos finos e delicados, fazendo também tingimento de roupas de casemiras em todas as cores. Tem em grande atenção os processos químicos que usa para a maior conservação dos tecidos.

LAVAGEM DIARIAMENTE

Rua Maciel Pinheiro N. 292  
e DUQUE DE CAXIAS N.º 511.

**BRITO LYRA & C.**

**FAZENDAS**

VENDAS EM GROSSO

Rua Maciel Pinheiro

Parahyba do Norte

**PADARIA ROYAL**

DE

**CAVALCANTE & FILHO**

Rua Dr. Epitacio Pessoa  
PARAHYBA

TRABALHOS

ARTISTICOS

**Belizio Ferrer**

OURIVES

Rua Barão da Passagem, 576.

EXECUÇÃO

PERFEITA

**Reinaldo de Oliveira & C.**

Grande estabelecimento de miudezas e fazendas em grosso.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 172.

# LLOYD SUL-AMERICANO

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

Capital Rs. 4.000:000\$000

AUCTORIZADA A FUNCIONAR POR DECRETO N. 13.794  
DE 8 DE OUTUBRO DE 1919.

Sede: Rua da Candelaria, 4. — Rio de Janeiro

End. Electr. "SULOYD"

Agente neste Estado: GERALDO VON SÖHNSTEN JUNIOR  
Rua Barão da Passagem, 109.

"A ELITE"

LINS & MONTE

CASA DE MODA

Rua Maciel Pinheiro

PARANHYBA

CASA VESUVIO

RUA MACIEL PINHEIRO N.º 163

Caprichoso sortimento de tecidos, modas e armarinho.

VIGENTE RAITACASO & COMP.

Perfumarías finas, objectos para presentes e artigos para homens

# PYRAGIBE LEMOS & C.<sup>A</sup>

COMMISSÕES, CONSIGNAÇÕES, REPRESENTAÇÕES E GONTA PROPRIA — AGENTES DE:

G. Amsinck & Comp., Inc.	— — —	New-York
Klingelhoefer & Comp.,	— — —	Paris
Kittel & Comp.	— — —	Londres
M. S. Idanha & Comp., Ltda.	— — —	Lisbõa
Charles Duval & Comp.	— — —	Londres

Nestlé & Anglo-Swiss Condensed Milk C.<sup>a</sup>  
Londres, New-York  
Leite Condensado "Moça e Arareense"

Colgate & Comp.	— — —	New York
Mombel-Bossart & Fils	— — —	Bruxellas
Association Commercial e Italo-Beige	— — —	Genova Anvers e Cologne

J. D. Riedel	— — —	Berlim
Heine & Comp. A. G.	— — —	Leipzig
Manoel Pedro & Comp.	— — —	Para
Martins, Jorge & Comp.	— — —	Paris

CODIGOS:  
 A B C 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> EDIÇÕES, HIEBER,  
 BENTLEY,  
 BORGES, RIBEIRO e PARTICULARES

S. Silva & Comp. Fabrica de Tecidos	Codó	Maranhão
Abelardo Ribeiro	— — —	Maranhão
Fabrica de velinho e seda Suissa	— — —	R. de Janeiro
Brasileira	— — —	R. de Janeiro
Sequeira & Comp.	— — —	R. de Janeiro
Davidson, Pullen & Comp.	— — —	R. de Janeiro
Bellingrodt & Meyer	— — —	R. de Janeiro
Fundição Indigena	— — —	R. de Janeiro
Vasconcellos, Lemos & Notini	— — —	R. de Janeiro
Correia & Castro	— — —	R. de Janeiro
Companhia Brasileira de Viagem e Comercio	— — —	R. de Janeiro
Casa Hansa - Henrique Bruggemann	— — —	Pernambuco
Amorim, Górtz & Comp.	— — —	S. Paulo
Companhia Antarctica Paulista	— — —	Florianopolis
Hoepeke, Irmão & Comp.	— — —	Pelotas
Nunes & Irmão	— — —	Rio Grande
Viuva J. Gianuca & Comp.	— — —	

UNICOS RECEBEDORES NESTE ESTADO DO AFAMADO DENTIFRICIO "ODOL"

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "GILBERTO"

CAIXA POSTAL — 8



## Nossos correspondentes no interior

- Cabedello*—Odilo Polari  
*S. Rita*—José Daniel P. de Lucena  
*Espirito Santo*—C.º José J. P. da Costa  
*Mamanguape*—Augusto Luna  
*Ingá*—Eurico Uchôa  
*Pilar*—João José Marója  
*Pedras de Fôgo*—Virgílio Cordeiro  
*Itabayana*—Antonio Coutinho  
*Guarabira*—Dr. Antonio Botto  
*Pirpirituba*—Ildefonso Lucena  
*Alagoinha*—Francisco G. de Almeida  
*Borborema*—Felix Brasiliano  
*Bananeiras*—José Fabio  
*Moreno*—Leoncio Costa  
*Arara*—Anesio Deodono  
*Caiçara*—C.º Aprígio Espinola  
*Belem de Caiçara*—Pedro Gaudiano  
*Serraria*—Antonio Rodolpho  
*Pilões de Dentro*—Luiz de Albuquerque  
*Alagôa Grande*—Dr. Joaquim Rocha  
*Areia*—Guttemberg Barreto  
*Alagôa Nova*—Clodomiro Leal  
*Esperança*—Professor Joaquim Costa  
*Araruna*—Antonio Carneiro  
*Barra de S. Rosa*—Manuel de S. Lima  
*Picuihy*—Manuel Gomes da Silveira  
*Umbuzeiro*—Dr. Carlos Pessoa
- Campina Grande*—Lafayette Cavalcante  
*Cabaceiras*—Manuel Maracajá  
*Soledade*—Trajano Nobrega  
*Taperoá*—Dr. Genezio Lústosa Cabral  
*S. João do Cariry*—Dr. José Gaudencio  
*Carauibus*—Eduardo Ferreira Filho  
*Sant' Anna do Congo*—Amaro T. de Oliveira  
*Serra Branca*—Antonio Pedro de F. Castro  
*S. José dos Cordeiros*—Anthero T. Junior  
*Teixeira*—Professor Antão Ribeiro  
*S. Luzia do Sabugy*—Manuel Emiliano  
*Pombal*—João Queiroga  
*Patos*—Fabio Barreto Serrão  
*Piancó*—José Parente  
*Conceição*—José de Figueiredo Leite  
*S. José de Piranhas*—Dr. José Saldanha  
*Bonito de Santa Fé*—José de A. Cavalcante  
*Misericórdia*—José Brunet  
*Souza*—Francisco Benevides  
*Cajaseiras*—José dos Anjos  
*Alagôa do Monteiro*—Nilo Feitosa  
*Camalaú*—Pedro Bezerra  
*Princesa*—José Pereira Lima  
*S. João do Rio do Peixe*—P.º Cyrillo de Sá  
*Catolé do Rocha*—Octavio de Sá Leitão  
*Brejo do Cruz*—Dr. João Agrippino Maia

# BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SÊDE EM LISBOA

CAPITAL REALIZADO — ESC. 24.000:000\$

RESERVAS — — — ESC. 24.000:000\$

Recebe dinheiro em conta corrente ás seguintes taxas:

Deposito á ordem em moeda nacional 2%

Contas correntes limitadas (de 50\$000 a 10:000\$000) 4%

Deposito á ordem em moeda estrang. 2%

Emissão de saques sobre todos os paizes do mundo.

Encarrega-se da cobrança de lettras sobre todas as localidades do paiz e do estrangeiro.

Effectua cobrança de lettras no interior do Estado.

Faz todas as operações bancarias.

DEPOSITO A PRAZO — JUROS CONVENCIONAES

AGENCIA NA PARAHYBA DO NORTE:

68 — RUA MACIEL PINHEIRO — 68 — TELEPHONE 60

TELEGRAMMAS — "COLONIAL"

## MESQUITA, FALCÃO & C.<sup>IA</sup>

GRANDE ARMAZEM DE MIUDEZAS E PERFUMARIAS

UMA DAS CASAS MAIS ANTIGAS DESTA CAPITAL

Artigos finiesimos \* Preços reduzidos

Caixa Postal n. 45

NESTA CASA TRATA-SE O FREGUEZ COM A MAXIMA CORTESIA

End. Teleg. FALCÃO

RUA MACIEL PINHEIRO, 38.

PARAHYBA DO NORTE